

Universidade Federal de São Paulo

Campus Baixada Santista

AMANDA DIOGO PAP

**Imagem corporal em deficientes físicos que
praticam esporte**

Santos 2011

Amanda Diogo Pap

Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte

Trabalho de Conclusão de Curso
desenvolvido para a obtenção do
grau de Psicólogo na Universidade
Federal de São Paulo - Campus
Baixada Santista

Orientador: Prof. Dr. Sidnei José
Casetto

Santos 2011

Pap, Amanda Diogo

Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte / Amanda Diogo Pap – Santos, 2011.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus
Baixada Santista, 2011.

Curso: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Sidnei José Casetto

1. imagem corporal. 2. deficiência física. 3. esporte adaptado
I. Casetto, Sidnei José
II. Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte. III. Unifesp – Campus
Baixada Santista.

Amanda Diogo Pap

Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Psicologia da Universidade
Federal de São Paulo – Campus Baixada
Santista

Sidnei José Casetto – UNIFESP

Lara Cristina D'Ávila Lourenço - UNIFESP

Santos, 6 de dezembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sidnei José Casetto, pelo aprendizado e por ter tornado possível a realização deste trabalho.

A Prof. Dra. Ângela Capozzolo pela dedicação ao longo da graduação e por ter me inserido na pesquisa e a Prof. Dra. Laura Câmara Lima por me acompanhar nos estágios com tamanha dedicação.

À minha família, principalmente meus pais, Dora Ney Diogo e David Pap, pelo apoio incentivo durante toda a vida.

E aos amigos Aline Torricelli, Jéssica Ribeiro, Larissa Finocchiaro, Marcela de Túlio e Rafael Chagas, que se tornaram minha nova família que carregarei sempre no meu coração.

RESUMO

Estudos sobre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo tiveram importante desenvolvimento no século XX com a publicação de *A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique*, pelo psicanalista Paul Schilder em 1950. O presente estudo toma como principais referenciais teóricos os trabalhos posteriores de Françoise Dolto e o contemporâneo de Gilberto Safra. Dolto relaciona esquema corporal com a experiência da realidade do organismo, e a imagem corporal à subjetividade e sua história, indicando a possibilidade desses referentes não coincidirem. Safra compreende o *self* como uma organização dinâmica que acontece no processo maturacional que pode ser visto em forma orgânica, nos diferentes sentidos de realidade; nelas, as vivências de um sujeito e seu estilo de ser constituem-se esteticamente. O objetivo deste estudo foi investigar se o sujeito com esquema corporal limitado por uma deficiência física em membros inferiores, que pratica esporte, apresenta uma imagem corporal inconsciente sem as mesmas limitações, uma vez que a participação de portadores de deficiência física em esportes é um meio de experimentarem movimentos e sensações que ultrapassam as limitações de seu esquema corporal. Para tal, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e um desenho de figura humana seguido de inquérito com dois grupos: um com deficientes físicos que praticam esporte e outro com deficientes físicos que não praticam esporte. Observou-se uma diferença na imagem corporal entre os dois grupos, estando mais bem preservada nos deficientes físicos que praticam esporte, o que poderia estar relacionado ao fato do sujeito estabelecer uma relação capacitante com o esporte. Isto teria sido possível por haverem vivido a deficiência nos termos de uma castração simbolizadora, conceito de Dolto que associamos à aceitação da deficiência, mas não da incapacidade. A saída encontrada parece ter sido potencializar a parte do corpo não afetada pela deficiência, uma função compensatória em que a parte representaria o todo, como a sinédoque na linguagem.

Sendo assim, o incentivo à prática de esporte de sujeitos com esquema corporal limitado parece importante na inclusão social, em intervenções terapêuticas e em ações de promoção de saúde, uma vez que, segundo os resultados do estudo, uma atividade, como a prática do esporte, é capaz de modificar a imagem corporal inconsciente. Assim, o esporte parece ser um meio de recolocar o sujeito no mundo, -ajudar na superação de problemas, aumentar a autonomia, ser um instrumento de reabilitação, além de favorecer a ampliação do círculo de relações de seus participantes.

Palavras-chave: imagem corporal; esquema corporal; deficiência física; esporte adaptado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVO	15
3 METODOLOGIA.....	15
3.1 Sujeitos e critérios de inclusão e exclusão.....	16
3.2 Procedimentos.....	16
3.3 Análise.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	19
4.1 Grupo A- sujeitos que praticam esporte.....	19
4.1.1 Análise do grupo A.....	69
4.2 Grupo B- sujeitos que não praticam esporte.....	71
4.2.1 Análise do grupo B.....	108
4.3 Comparação entre os grupos A e B.....	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

“Se, pois admite-se que as sensações orgânicas oriundas dos tecidos, de todos os órgãos, de todos os movimentos produzidos, em uma palavra, de todos os estados do corpo, são representadas em algum grau no *sensorium*, e se a personalidade física não é nada mais do que o seu conjunto, segue-se que ela deve variar como elas e com elas, e que estas variações comportam todos os graus possíveis, do simples mal estar à metamorfose total do indivíduo” Théodule-Armand Ribot.

O tema imagem corporal tem sido explorado e descrito por diferentes autores; antecedente a este tema há uma discussão sobre cenestesia que já atentava para a representação do corpo na formação do sujeito. Ribot, em 1884, vincula as noções de cenestesia e personalidade, o que vai justificar a impossibilidade de pensar o eu como algo estável. Schiff, em 1871, define cenestesia como sendo todas as sensações percebidas pela consciência de um organismo. Já Bonnier “contrapunha à noção de cenestesia a de ‘sentido das atitudes’, ligada às funções labirínticas, que permitia que se formasse uma figuração topográfica de corporalidade; pois como seria possível formar um eu sem esta orientação fundamental de uma geografia do corpo?” (Cazeto, 2001, p. 59).

Indo ao encontro desta ideia, mas estabelecendo outra noção, Schilder (1994) entende imagem corporal humana como sendo uma figuração do corpo formada pela mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para o sujeito. Há uma experiência imediata de unidade de corpo chamada de esquema corporal, de modelo postural do corpo. A imagem corporal seria composta de uma apercepção do corpo e de figurações e representações mentais envolvidas e seria passível de transformação, uma vez que é construída por três estruturas que se relacionam: a

fisiológica, a libidinal e a sociológica; sendo o meio ambiente um fator que contribui para esta transformação.

O mesmo autor enfatiza a importância do conhecimento da posição do corpo, visto que mudanças na motilidade têm influência determinante na estrutura do modelo postural. No entanto, quando um indivíduo perde uma perna, não só há uma modificação do modelo postural do corpo em relação à perna, como também se desenvolve uma função diferente, necessária devido à ausência da perna, a qual altera toda a motilidade do indivíduo. Assim, cada modificação da função gera uma diferença na imagem.

Outra forma de modificar a imagem corporal, segundo o autor, é por meio de todo tipo de ginástica. O tensionamento e relaxamento dos músculos, bem como o movimento do corpo, poderiam ter influência na imagem do corpo e levariam a uma mudança na atitude psíquica. Assim, o esporte poderia ser uma maneira de alteração da imagem corporal, uma vez que, para Shilder (1994) ela é passível de transformação.

Shilder (1994) estabelece relação entre a percepção do corpo e as atividades motoras. Quando o conhecimento do próprio corpo é incompleto e imperfeito, as ações para as quais este conhecimento é necessário também serão imperfeitas. A imagem corporal é necessária para iniciar os movimentos, especialmente quando as ações são dirigidas ao próprio corpo. Em consequência, mudanças no corpo podem provocar mudança na imagem corporal que pode levar a distúrbios de ação se a percepção do corpo estiver incompleta e imperfeita.

Françoise Dolto (2008) também aborda os conceitos de imagem do corpo e de esquema corporal, fazendo distinção entre os dois conceitos. No entanto, a

autora fala de uma imagem corporal inconsciente, enquanto Shilder (1994) se refere à imagem corporal como representação mental do corpo. Por esquema corporal Dolto (2008) define a experiência da realidade do organismo, que especifica o indivíduo enquanto representante da espécie, evolutivo no tempo e no espaço. O esquema corporal é, de certa forma, o viver carnal no contato com o mundo, sendo intérprete ativo ou passivo da imagem do corpo, no sentido que permite a objetivação da relação entre sujeitos. Já imagem inconsciente do corpo estaria ligada ao sujeito e sua história. É, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional, e também é atual, viva, em situação dinâmica simultaneamente narcísica e inter-relacional. Desta forma, para a autora, assim como Shilder (1994), a imagem corporal é passível de transformação. No entanto, para a autora, a transformação não está diretamente relacionada com mudança do modelo postural, pois relata a importância das relações afetivas para mudança da imagem corporal inconsciente.

Dolto (2008) ainda relata que a imagem do corpo não está somente na ordem do imaginário, sendo também da ordem do simbólico (atravessado pela cultura), sendo signo de conflito libidinal, de um gozar frustrado, reprimido ou proibido, ou seja, castrado. Deste modo, a imagem corporal pode ser considerada como “encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante” (p. 14). A autora ainda afirma que é por meio das palavras que os desejos podem organizar-se em imagem do corpo.

Partindo da ideia que a castração é a proibição que se opõe à satisfação do desejo procurada e anteriormente conhecida, tem-se que a imagem do corpo se estrutura por meio de emoções dolorosas articuladas ao desejo proibido depois que

o gozar e o prazer foram conhecidos e repetidamente experimentados. Na castração simbolígena, assim chamada por Dolto (2008), o outro significa, por meio da linguagem, para o sujeito, que a forma com que este gostaria de realizar o desejo, é proibido pela Lei. Esta proibição de agir repercute em recalçamento das pulsões em questão, que sofrem um remanejamento, e o desejo, cujo alvo inicial foi proibido, visa realizar-se por meio de novos meios, as sublimações, uma busca de novos objetos conforme as Leis do grupo familiar e social.

Para Dolto (2008), o estágio do espelho é o momento narcísico que permite a integração motora para o sujeito de seu corpo próprio por meio da relação com um outro. O estágio pode ser simbólico do estar do sujeito no mundo, mas pode ser dessimbolígeno para a imagem corporal se o sujeito não reconhece o corpo como sendo seu; é com a relação languageira e a presença de um outro que reconheça o sujeito, e ao mesmo tempo seja reconhecido por ele no espelho, que a imagem escópica toma sentido.

Por fim, segundo Dolto (2008), golpes orgânicos podem provocar perturbações no esquema corporal, e estas, por falta de comunicação nas relações, podem conduzir a modificações passageiras ou duráveis da imagem inconsciente do corpo. No entanto, a limitação orgânica pode não afetar a imagem do corpo, mas é necessário que o sujeito possa, em uma relação flexível e sem muita angústia com a mãe, expressar e fantasmear seus desejos pela linguagem, sejam eles realizáveis ou não em decorrência do esquema corporal limitado.

Portanto, a imagem do corpo, sem as mesmas limitações do esquema corporal, depende da relação afetiva mãe-filho. Este par pode contribuir para a estrutura de uma imagem do corpo sem prejuízo por intermédio da linguagem, se

aceitar o jogo projetivo em que o corpo é simbolizado pela palavra, em satisfações eróticas, ou seja, permitindo que o sujeito integre na linguagem seus desejos.

Assim como para Dolto (2008), Costa (2004), também dá importância às relações do sujeito com o outro para formação da imagem corporal ao relatar que está ligada a um fato mental com intencionalidade, privacidade e representacionalidade. A imagem do corpo seria, então, intencional, porque envolve um outro que lhe é exterior, solicitando ao sujeito se representar. Privada porque se refere à existência do “eu”, que lhe é própria, auto-referida, pessoal, tal qual o “eu”, pois não existe imagem corporal sem um “eu” que a reconheça como sendo sua propriedade. E a imagem do corpo seria representacional por ser composta de elementos descritivos necessitando de uma competência linguisticamente organizada.

Silva (2007) parte da biologia para falar sobre imagem corporal, problematizando a maneira com que os estudos neurológicos compreendem a formação da imagem corporal, uma vez que, com a tecnologia médica, pode-se ver imagens cerebrais e correlacioná-los às disfunções de imagem corporal. É como se a nossa interioridade passasse a ser “materializada” em imagens e não mais precisássemos da representação física ou mental do nosso corpo.

O autor parte do pressuposto de que, em decorrência de acidentes no corpo, o indivíduo perde parte da sua capacidade de se reconhecer em sua totalidade corporal, ocorrendo-lhe fenômenos nunca antes experimentados, diferentemente de Dolto, visto que, para ela, golpes orgânicos podem provocar perturbações do esquema corporal, e estas podem ou não afetar a imagem inconsciente do corpo.

A partir dessa perspectiva biológica, Silva (2007) expõe as ideias de Ramachandran, um neurocientista indiano que estuda a síndrome do membro fantasma buscando encontrar uma relação entre as questões subjetivas e uma ontogênese da imagem corporal por meio de investigações neurológicas. Ramachandran entende o cérebro como um lugar da “interioridade”, do “eu”, da “individualidade” do sujeito, o que reforça a perspectiva contemporânea de descrição do sujeito e da subjetividade a partir do cérebro, uma vez que explora os efeitos intersensoriais e o modo como o cérebro constrói e atualiza a imagem do corpo ao longo da vida, desconsiderando a presença de um outro na relação com o sujeito, para se reconhecer como “eu”, diferentemente de Dolto (2008), que liga imagem corporal com o sujeito e sua história, inter-relacional.

Safra (2005), assim como Dolto (2008), destaca a importância das relações para a constituição do sujeito e de seu estar no mundo, mas fala sobre a face estética do *self*, enquanto Dolto (2008) da imagem corporal inconsciente. Para o autor, as imagens, quando atualizadas pela presença de um outro significativo, permite que a pessoa constitua os aspectos de seu *self*, podendo então existir no mundo humano. Compreende o *self* como uma organização dinâmica que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo; uma organização que acontece no processo maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. Pode-se ver o aparecimento do *self* em forma orgânica, nos diferentes sentidos de realidade; nelas, as vivências de um sujeito e seu estilo de ser constituem-se esteticamente. O *self* se constitui, se organiza, se apresenta por fenômenos estéticos.

Safra (2005) relata que, quando a criança toma posse de um corpo que foi significado pela presença do outro, ela dispõe da vida imaginativa, que lhe possibilita

ocupar o vazio da ausência do outro com sua capacidade de sonhar, surgindo então a tridimensionalidade no horizonte psíquico. O espaço entre o corpo materno e o corpo da criança é vivido como um espaço transicional; o vazio deixado pela ausência do outro é habitado pela capacidade de sonhar, de ter uma vida imaginativa, abrindo um espaço potencial. A criança vai significando suas experiências tanto pelo uso da linguagem discursiva como também pela articulação de formas estéticas e simbólicas do campo sensorial de suas vivências. Observa-se, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, um processo contínuo de criação destes símbolos de *self*.

Então, para Safra (2005), o *self* “acontece na materialidade do encontro humano e ganha morada no tempo, no espaço, no gesto e no campo social.” (p.76); uma pessoa além de construir seu *self* ao longo do processo maturacional, estabelece também certo estilo de ser, confluência de suas características, de sua família e sua cultura, que se organiza desde os primeiros estágios de desenvolvimento e prossegue acompanhando a abertura dos diferentes sentidos de realidade, permitindo a cada etapa da vida, reencontrar a si no outro e no mundo. Conta uma experiência em que uma paciente deu um salto durante a análise e que por esta ação pôde se apropriar de seu corpo e pôde possuir vontade como parte de seu *self*. Seria este um dos possíveis papéis do esporte, recolocar o corpo do sujeito no mundo, uma vez que o sujeito pode se apropriar de seu corpo por uma ação em diferentes momentos da vida?

Considerando a plasticidade da imagem corporal relacionada com as experiências contemporâneas e inter-relacionais do sujeito, e pensando no esporte como um possível objeto na relação com o sujeito, o esporte poderia contribuir para

uma imagem corporal menos limitada, podendo trazer para o sujeito com limitação física uma melhor integração social e adaptação à sua condição física, uma vez que haveria uma implicação maior nas atividades sociais, domésticas, de lazer e no relacionamento com outras pessoas após o envolvimento com o esporte (Labronici et al., 2000).

Assim, visto que Dolto (2008) considera que perturbações do esquema corporal podem provocar modificações da imagem inconsciente do corpo, mas não necessariamente afetá-la, podemos, então, questionar se o sujeito com esquema corporal limitado por uma deficiência física em membros inferiores, que pratica esporte, apresenta uma imagem corporal inconsciente sem as mesmas limitações, uma vez que a participação de portadores de deficiência física em esportes é um meio de estes experimentarem movimentos e sensações que ultrapassem os limites físicos da deficiência.

2 OBJETIVO

Investigar se sujeitos com esquema corporal limitado por uma deficiência física em membros inferiores, que praticam basquete como esporte, em um time situado na cidade de Santos, apresentam uma imagem corporal inconsciente sem as mesmas limitações.

3 METODOLOGIA

O estudo trata de uma investigação cujo objeto de análise são aspectos inconscientes. Sendo assim, o instrumento utilizado deve abordar aspectos subjetivos. Desta forma, foi adotada uma metodologia qualitativa, visto que esta possibilita uma aproximação mais adequada ao tipo de objeto envolvido.

3.1 Sujeitos e critérios de inclusão e exclusão

As entrevistas foram aplicadas em dois grupos de pessoas com deficiência física em membros inferiores.

Um grupo A com onze pessoas com deficiência física em membros inferiores, que praticam esporte e apresentavam deficiência física havia pelo menos um ano. Foram entrevistados homens que participam de um time de basquete adaptado da cidade de Santos, SP.

Um grupo B com dez participantes homens que apresentavam deficiência física em membros inferiores havia pelo menos um ano e que não praticavam esporte regularmente.

Foi considerado critério de exclusão a presença de doença aguda ou crônica incapacitante.

3.2 Procedimentos

1. Entrevista

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com os participantes do estudo. As entrevistas seguiram a linha de pensamento do entrevistado e de suas experiências dentro do foco principal do investigador (Nogueira-Martins e Bógus, 2004).

Foi feito o relato das entrevistas logo após o seu término, considerando que o registro pela memória do entrevistador permitiria uma reconstituição da entrevista atravessada pela relação que estabeleceu no momento do encontro da pesquisa e pela percepção do próprio investigador. O registro foi feito em primeira pessoa, procurando recuperar as palavras utilizadas pelo entrevistado.

Roteiro da entrevista:

- Como e quando ocorreu a deficiência física?
- Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?
- Como tem sido sua vida desde então?

Tanto as entrevistas quanto os desenhos do grupo A foram realizados no local de treino de basquete em Santos, onde estiveram presentes somente o pesquisador e o participante do estudo, a fim de evitar interferências externas e preservar o sigilo do conteúdo da pesquisa.

2. Desenho

Foi solicitado aos participantes do estudo um desenho de uma figura humana, seguida de um inquérito, uma vez que, segundo Dolto (2008), a imagem corporal inconsciente não se acessa considerando somente o desenho, mas também por meio do diálogo que é estabelecido a respeito dele.

Roteiro do inquérito:

- Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.
- Quais seriam os desejos do personagem?
- Descreva uma ação deste personagem.

As entrevistas e os desenhos do grupo B foram realizados em uma sala reservada de dois serviços de fisioterapia a cidade de Santos.

3.3 Análise

O material coletado (entrevistas e desenhos) foi analisado de modo a observar indicadores que apontassem para as particularidades da imagem corporal do sujeito, procurando observar se há relação entre a prática de basquete por sujeitos com esquema corporal limitado e uma imagem corporal sem a mesma limitação.

Foram observados pontos das questões levantadas a partir do desenho como os atributos - características, desejos e ações - dados ao personagem criado, notando se estes se prendem ou não a limitações físicas, uma vez que um indicativo para uma imagem corporal não limitada é a presença de desejos não impedidos pelo esquema corporal limitado. Foram observados nos desenhos para serem analisados: o grafismo, a presença de volume, expressão, a presença de objetos, partes do corpo representadas, entre outros.

As observações feitas dos desenhos foram cruzadas com os dados das entrevistas, para relacionar a prática de atividade física com a formação da imagem corporal inconsciente do sujeito.

As análises dos dois grupos foram comparadas a fim de observar se havia menor limitação na imagem inconsciente corporal do grupo de deficientes físicos que praticam esporte.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/Baixada Santista sob o número 0313/11, e os sujeitos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Grupo A- sujeitos que praticam esporte

1- Otto, 38 anos

OBSERVAÇÕES

Durante o jogo de basquete os jogadores gritam para incentivar o time. A palavra mais usada que observei foi “vai!”; no entanto o entrevistado gritou “corre!” uma vez e quando ia repetir a palavra, interrompeu bruscamente falando “vai!”, evitando falar “corre”; percebi um desconforto de sua parte em verbalizar a palavra “corre”.

Em uma conversa antes da entrevista e ele se denominou um guerreiro solitário e disse ser conhecido pelo grupo como “o resmungão”, pois reclama dos lances durante o jogo e chama a atenção dos outros jogadores. Conta que já fez parte de outro time de basquete adaptado, mas saiu porque achava que o treinador não o valorizava, mantendo-o na posição de reserva.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Eu tinha um ano e dez meses quando tive poliomielite, sabe paralisia infantil. A partir daí venho enfrentando barreiras, evitando obstáculos e outros desafios.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Eu tinha 17 anos quando um rapaz me abordou em uma vídeo-locadora e me apresentou na teoria o basquete, mas eu queria era jogar futebol. Depois que eu fui entender que basquete é para o deficiente assim como o futebol para as pessoas

normais e como o futebol americano é para os americanos. Com 18 anos me deu esta luz e comecei a procurar times de basquete, encontrei um amigo que fundou um time e passei a jogar, mas parei e voltei muitas vezes de jogar por conta de desentendimentos com o técnico e jogadores. Tinha um técnico que me boicotava, não me tratava como merecia, queria ser titular e ele não deixava, muita gente achava que eu tinha razão, aí saí, parei por um tempo e agora jogo aqui.

Como tem sido sua vida desde então?

Deu uma guinada, tinha complexo, dificilmente iria superar este problema sem o esporte. Não me sentia confortável perto de outros deficientes, porque “um deficiente já é suficiente para dar espetáculo”. Sempre fui muito carismático com os outros, mas não com os deficientes; com o esporte fiquei mais sociável e independente. Cresci bastante, um deficiente aprende com o outro, aprende a sair, se relacionar. Isso se aprende com a convivência, não é tão discursado.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Otto, com dois tês, bem alemão. Ele é pacifista que por meio de persuasão tenta tornar o mundo melhor, convencendo os políticos e empresários que podem obter seus interesses mesmo favorecendo o povo que está em desvantagem, “pobre coitado até se anular”.

Quais seriam os desejos do personagem?

Ser tão respeitado que as pessoas não teriam outra alternativa do que não seguir os seus passos.

Descreva uma ação deste personagem.

Eu travei (demorou uns cinco minutos para falar algo)

Idealizou e construiu uma cidade designada para a saúde, com muitos complexos hospitalares.

DESENHO



ANÁLISE

O participante desenhou uma cabeça detalhada e bastante expressiva com destaque para o olhar assustado que transmite um sentimento de medo. A expressão dos olhos e a fala *“um deficiente já é suficiente para dar espetáculo”* chamam atenção para o aspecto visual, indicando uma dificuldade da formação da imagem escópica, considerando que, para Dolto (2008), o estágio do espelho é um momento narcísico que permite ao sujeito se apropriar de seu corpo e da realidade visível do seu ser para o outro, pois a imagem escópica só toma sentido a partir da presença de um outro que o sujeito reconheça. Ou seja, os olhos assustados e se sentir ator de um espetáculo, parecem representar o olhar de estranhamento dos outros para o sujeito. Sendo assim, entrevistado parece apresentar uma imagem escópica mais limitada do que a imagem corporal inconsciente que aparece com certa potência, uma vez que expressa um desejo de jogar bola independente da possibilidade de realização pelo seu esquema corporal. Por outro lado, dar espetáculo, pensando que espetáculo é um entretenimento, tem um aspecto positivo: o sujeito vai *“Ser tão respeitado que as pessoas não teriam outra alternativa do que não seguir os seus passos”*, que também é um modo de sobressair, assim como um ator de um espetáculo.

No entanto, há uma fragilidade em relação à imagem corporal, pois apesar de ter o desejo preservado – jogar bola e que as pessoas *“sigam os seus passos”* – descreve uma ação – construir uma cidade adaptada - associada com o cuidar, seu corpo não parecendo ser a sede da ação, mas sim quem recebe o cuidado mostrando fragilidade; ou seja, ele tem o desejo, mas recursos reduzidos (esquema corporal comprometido) para realizá-lo. Esta dificuldade também pode ser vista

durante o jogo de basquete, em que o entrevistado substitui a palavra “corre”, vinculada à ação de andar rapidamente, pela palavra “vai”.

Além disso, ser carismático e desejar que as pessoas “*sigam seus passos*” aponta para uma tentativa de reparação narcísica, uma vez que continua sendo uma pessoa incomum, mas que chama atenção por ser muito respeitado e não mais pela deficiência.

Ao declarar que depois do envolvimento com o esporte ficou “mais sociável e independente”, mostra que o esporte teve um papel importante no aumento da socialização e possivelmente na preservação da imagem corporal sem limitações. Mas, sendo assim, porque não teria desenhado o restante do corpo?

2- Alice, 35 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado possui ombros largos e braço forte, é atleta profissional e estava participando do campeonato paraolímpico de ciclismo. Relatou gostar mais do atletismo porque é mais competitivo e tem mais visibilidade; viaja bastante para participar de diversos campeonatos enquanto que o basquete é um esporte mais regional, pois o time não está bem estruturado para participar de campeonatos.

Tem um filho de 5 anos que leva para assistir o jogo de basquete.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Eu tinha um ano e dois meses quando tive poliomielite.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Eu tinha 14 anos quando me convidaram para jogar basquete, eu achei interessante e comecei a jogar.

Como tem sido sua vida desde então?

Minha vida está dividida em três partes: antes do esporte, o basquete e o atletismo. O basquete é um esporte muito regional não é reconhecido, jogo há dez anos e só fico na região. Gosto mais do atletismo que sou mais conhecido, jogo há cinco anos, já fui até para o exterior e ganhei vários prêmios.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

É Alice, uma mulher trabalhadora com fibra e tem muita dedicação, uma mulher feliz. Ela trabalha na parte administrativa.

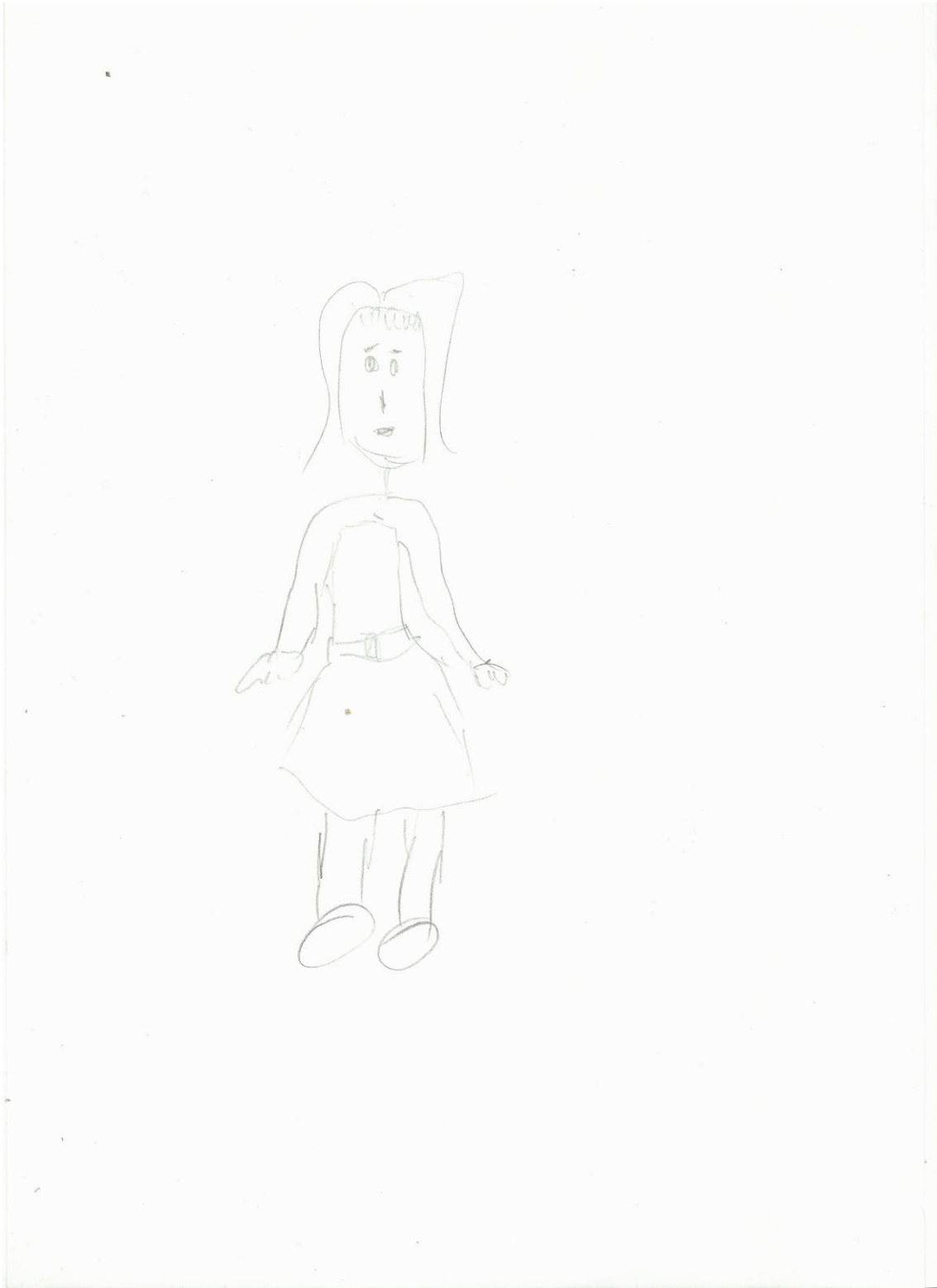
Quais seriam os desejos do personagem?

Crescimento profissional e pessoal; no profissional quer atingir seu cargo de gerência e, no pessoal, quer construir sua casa.

Descreva uma ação deste personagem.

Datilografar e brincar de vídeo-game e pega-pega, apesar de ter vinte anos ela gosta de brincar.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado desenhou uma figura feminina, sexo oposto ao seu; poder-se-ia pensar que a possibilidade de desenhar um corpo inteiro somente seria viável sendo do sexo oposto, uma vez que distinta de sua identidade?

Apesar de descrever o personagem como uma mulher de vinte anos, o desenho e a ação - *“brincar de vídeo-game e pega-pega”* - parecem ser de uma criança, como se o corpo do sujeito não tivesse crescido, não houvesse se desenvolvido completamente ficando na infância. Considerando que o entrevistado teve poliomielite com um ano e dois meses, poder-se-ia questionar que teria essa sensação de não desenvolvimento de seu corpo? E que assim mantido na vida adulta o desejo não realizado na infância?

No desenho, as mãos indefinidas e a boca fechada sugerem dificuldades na relação com o ambiente. As pernas e os pés estão em destaque por serem grandes, talvez compensando a deficiência.

Ao falar de como tem sido sua vida desde o envolvimento com o esporte, o entrevistado relata estar dividida em três partes - *“antes do esporte, o basquete e o atletismo”* - e mostra que busca reconhecimento por meio do esporte, pelo olhar e relação com o outro, o que parece lhe permitir desejar para além da deficiência do seu esquema corporal de modo a preservar sua imagem do corpo.

Os desejos do personagem – *“Crescimento profissional e pessoal”* - são passíveis de serem realizados por qualquer pessoa com ou sem deficiência, mas consegue descrever uma ação - *“brincar de vídeo-game e pega-pega”* - que ultrapassa os limites de seu esquema corporal. Pode-se dizer então que possui uma imagem corporal inconsciente preservada. No entanto há uma sensação de

descompasso entre o desejo e a ação sugerida no desenho por meio da ligação fora do eixo, e algo insuficiente, feita pelo pescoço, entre a cabeça e o corpo aparentando estarem desconectados. Isto talvez possa representar o contraste sentido entre sua imagem e seu esquema corporal.

3- Johnny, 28 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado trabalha em um posto de gasolina e tocava violão e baixo em uma banda, mas parou de tocar por falta de tempo para ensaiar. Conta que não é de sair muito, mas tinha uma namorada que era sua fisioterapeuta e ia a bares com ela e com as amigas.

Montou uma dupla com outro jogador do time de basquete e cantam em bares de Santos-SP.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Com 14 anos tive um angioma medular; trabalhava carregando bloco quando senti uma dor, aí do nada parei de andar.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Até os 18 anos tinha problema de sair de casa, minha mãe tem síndrome do pânico e eu meio que desenvolvi, tinha medo de passar mal na rua e vergonha também. Com 23 anos dei meu grito de independência e comecei a sair, não estava acostumado a sair para a rua, lugar aberto, mas dei meu grito de independência.

Comecei a jogar basquete, mas sempre parava por doença, agora faz três anos que jogo direto.

Como tem sido sua vida desde então?

Eu mesmo não tenho grandes limitações, só a cadeira, conseguia até ficar em pé apoiado em uma barra.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Ele tem cara de guitarrista. O nome dele é Johnny, um roqueiro com 15 anos. Ele montou uma banda que fez sucesso e saiu pelo mundo tocando. Montou a banda com 15 anos, agora tem 19 anos, a idade que o pessoal faz sucesso.

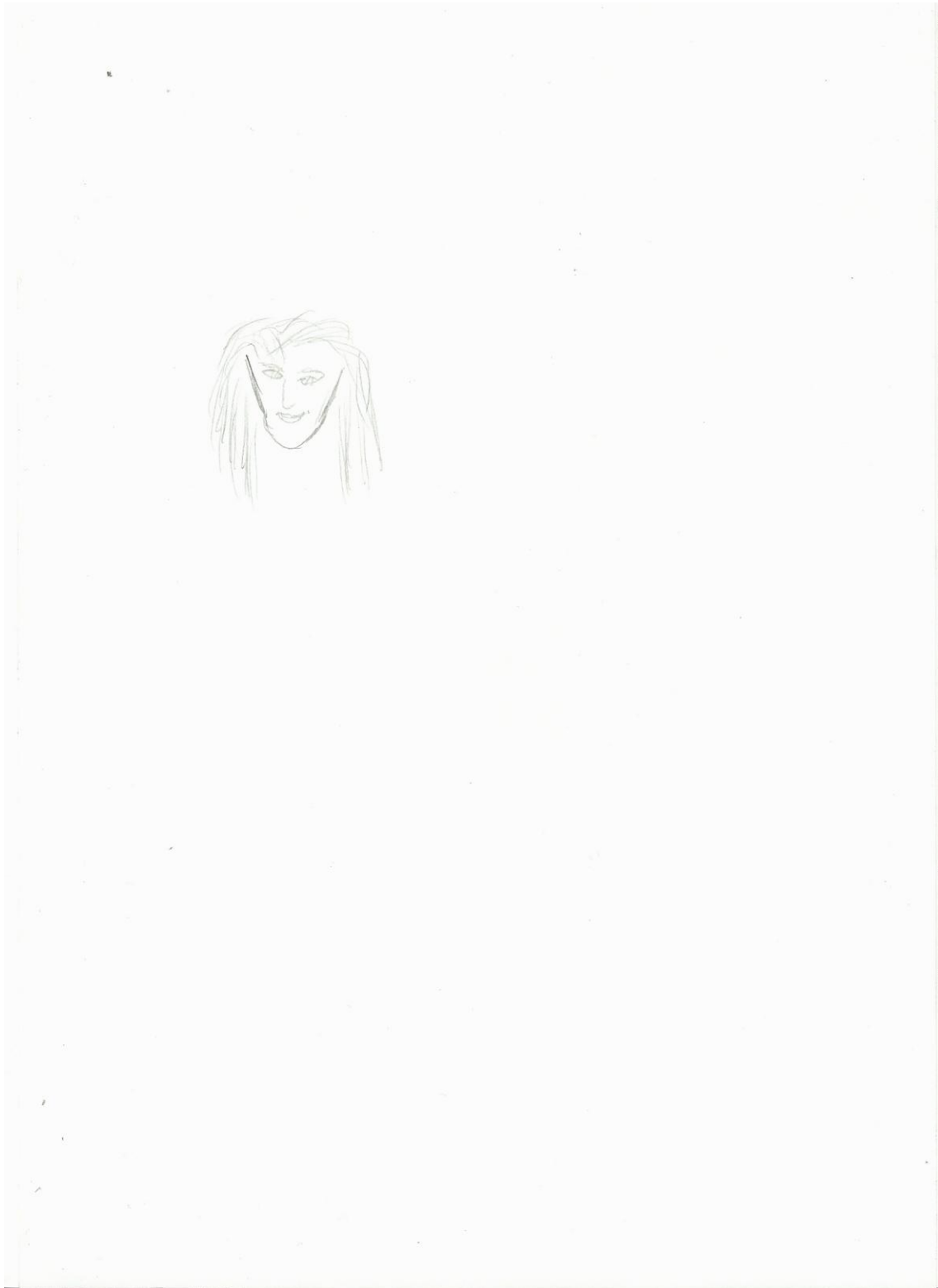
Quais seriam os desejos do personagem?

Viajar e conhecer pessoas. É bom pegar estrada para conhecer coisas novas, hábitos novos, estar sempre aprendendo e renovando. O desejo dele é viajar pelo mundo para aprender novas formas de tocar e novos ritmos.

Descreva uma ação deste personagem.

Ensaando e compondo, ao terminar vai tomar um banho para sair e voltar só à noite para casa. Ele está de folga, então vai sentar em um barzinho e depois de encher a cara vai para casa dormir sem ter hora para acordar.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado conta uma história de superação de um ambiente familiar que parecia sentir o mundo como perigoso: ele não saía de casa por medo, como a mãe que apresentava um quadro referido como síndrome do pânico. Entretanto, em certo momento ele deu o *“grito de independência”* e passou a viver e desejar – ser um roqueiro que quer ganhar o mundo. É interessante o fato de o personagem ter montado uma banda de sucesso aos 15 anos, idade imediatamente posterior à que o entrevistado teve o angioma medular. Isso sugere que ele já tinha desejo de um corpo em ação, de aprender e explorar coisas novas e sair do limite da casa – *“Viajar e conhecer pessoas. É bom pegar estrada para conhecer coisas novas, hábitos novos, estar sempre aprendendo e renovando”*. Relata que quando deu o *“grito de independência”* começou a jogar basquete, um esporte coletivo. Sendo assim, seria o basquete uma forma de continuar acompanhado, mas que lhe possibilita expandir seu raio de movimentação?

O desenho de um rosto que expressa simpatia, e uma abertura (sorriso) para contato, apesar dos olhos estarem vidrados, mostram este desejo de *“ganhar o mundo”*, mas a ausência de corpo sugere que, ao desejo ser grande, corresponderia uma sensação de insuficiência de recursos do esquema corporal para realizá-lo. No entanto, apesar da ausência do corpo no desenho, o desejo do entrevistado não está limitado ao esquema corporal comprometido, sugerindo uma imagem corporal inconsciente preservada.

4- Neymar, 30 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado aparenta ser mais jovem do que é; é grande e forte, sendo o destaque do time de basquete por se movimentar bastante em quadra e principalmente por fazer muitas cestas. Contou que, assim que recuperou do acidente, começou a montar um carro adaptado para dirigir, e só depois foi tirar carteira de habilitação para deficientes.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Há dez anos levei um tiro de bala perdida aqui em Santos.

E como foi?

Estava em um baile e minha turma arrumou confusão lá dentro; quando a gente estava indo embora deram um tiro na gente e acertou em mim.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Três anos depois do acidente me convidaram para fazer natação e atletismo; em relação ao basquete jogo há cinco anos. Foi a partir da natação que conheci os outros esportes. Para fazer esporte adaptado tem que gostar muito e abre várias portas como, por exemplo, relacionamento com pessoas; antes fica muito reservado.

Como tem sido sua vida desde então?

Através do esporte comecei a trabalhar e a resistência fica bem melhor, a parte física melhora e isso é importante para a gente que trabalha com as mãos.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Ele chama Neymar, um moleque de rua sorridente que, independente da situação, está sorrindo e tem o cabelo cortado estilo punk.

Quais seriam os desejos do personagem?

Por ser moleque de rua, todos querem uma casa e um carro.

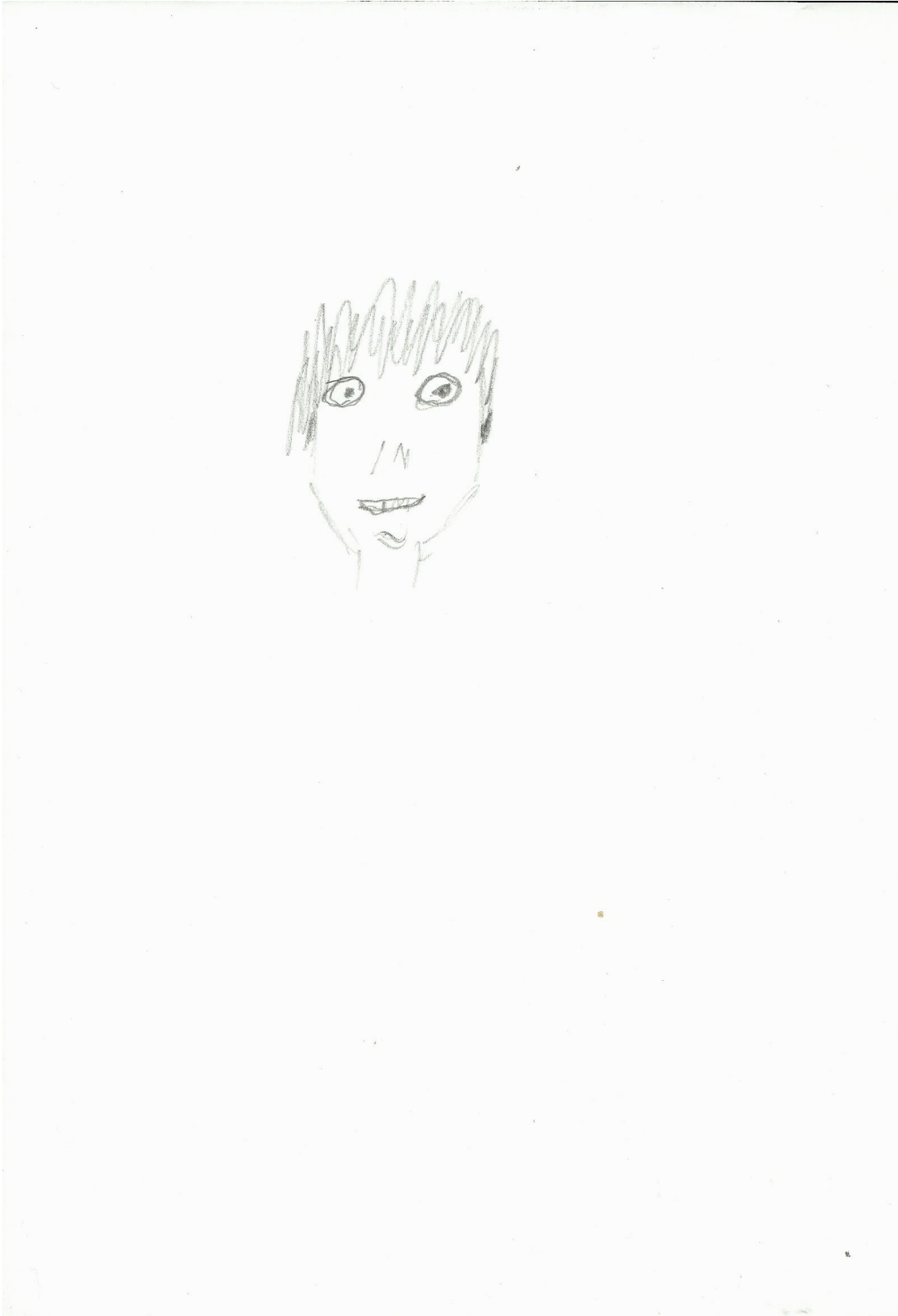
Descreva uma ação deste personagem.

Com fome, dormindo embaixo de uma marquise e uma pessoa dando comida e ele recebendo e agradecendo a pessoa de uma forma que ela não esperava.

E que forma é esta?

Agradecendo a Deus e a essa pessoa como se não tivesse esperado esta ajuda.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho é da cabeça de um menino com os dentes serrados e o olhar que expressa assusto, temor. Considerando que o personagem é um menino de rua, podemos pensar que o olhar que recebe dos outros é ao mesmo tempo de medo e de pena pela condição vivida. Apesar de o personagem estar passivo na ação – receber cuidado –, o que o coloca em uma posição de fragilidade e dependência, tem um desejo de superar esta posição: quer conquistar uma casa e um carro. É curioso que esta passividade aparentemente não está presente na figura do entrevistado, dinâmico durante o jogo e na vida.

Chama a atenção na entrevista a escolha do nome do personagem “Neymar”, o mesmo nome de um jogador de futebol do time Santos Futebol Clube, que está em destaque por ser um bom jogador considerado habilidoso com as pernas e muito ousado. Segundo Dolto (2008), o nome ligado ao corpo e à presença do outro, contribuem para a estruturação da imagem do corpo. Sendo assim, a escolha do nome de um jogador de futebol e a idéia de que, segundo o relato do entrevistado, o esporte abre para novos relacionamentos, ou seja, relações capazes de sustentar os desejos do sujeito, independentemente se são passíveis de serem realizados ou não pelo esquema corporal, apontam para uma imagem inconsciente corporal preservada. Por outro lado, só o rosto foi desenhado; isto significaria dificuldade de reconhecer o corpo atual como o próprio? Esta ausência representaria o seu esquema corporal, assim como a passividade referida na entrevista?

5- Grande Cavalo Veloz no Deserto Onde o Sol Escaldante Bate, 36 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado anda com o auxílio de uma prótese e seu coto é na altura da coxa. Participa do “movimento superação”, um movimento que busca suprir a carência de políticas públicas voltadas para a defesa dos deficientes e para a inclusão social.

Faz, como trabalho de conclusão de curso da faculdade, um projeto de levantamento de lugares de entretenimentos da cidade de Santos-SP, como bares e restaurantes, adaptados para deficientes físicos.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Amputação por acidente; fui atropelado em 2004 em São Paulo, Guaianases.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Gosto de esporte radical e fazia basquete e capoeira desde criança. Não gosto de jogar futebol, só de assistir.

E depois da amputação?

Faço esporte adaptado há três meses, desde quando quebrei a perna e fazia fisioterapia no SERFIS [fratura posterior ao atropelamento]. Depois do acidente o médico me falou que não iria fazer mais nada; desafiei o médico e, mesmo depois da amputação, continuei fazendo rapel e a pular de paraplayer.

Encontrou dificuldades?

Tive que readaptar, colocar uma proteção de couro no coto; encontrei dificuldades físicas e não mental.

Como tem sido sua vida desde então?

Antigamente, antes de ser amputado, o meu instinto era vencer, agora é provar para mim e para os outros que eu consigo, sem instinto de competição. Às vezes isso é atrevimento da minha parte, mas se não faz mal e não prejudica ninguém...

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

O nome dele é Grande Cavalo Veloz no Deserto onde o Sol Escaldante Bate; é um índio moicano e ele estava feliz por estar voltando para casa com uma caça para seus filhos e esposa e está vestindo uma pele porque está frio e a vida não está sendo fácil porque os peles-amarelas estão atrás dele e mesmo assim não está desistindo porque vê o amanhã cheio de oportunidade e não como um obstáculo.

Quais seriam os desejos do personagem?

Que a vida voltasse a ser como era antes, sempre boa. Ele tem saudade da infância e das brincadeiras com os amigos.

Descreva uma ação deste personagem.

Levantar de manhã cedo, dar bom dia para a esposa e filhos, olhar para o céu e agradecer para o grande senhor das guerras e cuidar dos afazeres do dia a dia. Já que não vê o amanhã como obstáculo, tem uma rotina.

DESENHO



ANÁLISE

O modo como o entrevistado diz ter encontrado para lidar com sua deficiência foi enfrentá-la e tentar fazer as atividades praticadas antes do acidente, como rapel e pular de *paraglider*, mesmo encontrando dificuldade física e, segundo ele, não ter tido “*dificuldade mental*” para realizá-las, mostrando que pode “expressar e fantasmear seus desejos quer sejam eles realizáveis ou não, segundo este esquema corporal enfermo” (Dolto, 2008 p. 12). Enfrenta as dificuldades para provar para ele e para os outros que é capaz de ser ativo e realizar atividades complexas mesmo tendo um esquema corporal limitado. O próprio nome do personagem “*Grande Cavalo Veloz no Deserto onde o Sol Escaldante Bate*” diz que, apesar da dificuldade: Deserto onde o Sol Escaldante Bate, há uma potência de ação: Grande Cavalo Veloz. Desejar e realizar atividades que possam ir além dos limites de seu esquema corporal sugere uma imagem corporal inconsciente preservada.

A descrição de que os peles-amarelas estão atrás do personagem e o relato de que o médico teria dito que o entrevistado “*não iria fazer mais nada*” em decorrência de seu esquema corporal comprometido, parecem apontar para um sentimento persecutório, relativo à descrença percebida nos outros em relação ao seu futuro. Mesmo com estas dificuldades o entrevistado relata que o personagem não desiste, mostrando seu esforço em sustentar sua imagem corporal.

Também relata que o personagem não vê o amanhã como obstáculo e por isso consegue estabelecer uma rotina de atividades. É interessante o fato que no desenho os olhos aparecem sem pupila, como se fossem olhos que podem não ver o amanhã como obstáculo, mas não parece ser um rosto cego que o impossibilitaria de ver o amanhã cheio de oportunidades. Sendo assim, pode-se supor que o

entrevistado deseja e realiza atividades que ultrapassam os limites de seu esquema corporal por não ver o amanhã como obstáculo. No entanto, deveríamos reconhecer aqui algum grau de recusa das limitações de seu esquema corporal? Por não ver as coisas como obstáculo ele não ficaria “paralisado”? Isto seria diferente da estratégia de ver obstáculos e superá-los? Ou seria um modo de transformar limites em outras possibilidades?

Apesar de procurar fazer atividades que realizava antes do acidente e de, aparentemente, ter a imagem corporal preservada, o entrevistado reconhece as limitações de seu corpo, que este apresenta uma deficiência, que está sugerido no desenho pela descontinuidade do traçado que separa o queixo do restante do rosto e pela ausência do corpo.

6- João, 39 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado tem uma presença marcante no jogo pelo seu tamanho e pela atitude combativa na disputa de bola. Consegue caminhar, embora com dificuldade, em decorrência da grande diferença de tamanho e força de suas pernas. Sua esposa acompanha os treinos e contou que têm três filhos, sendo um do casal e outros de um casamento anterior dele.

Desenha sem encostar a mão no papel e pergunta se pode desenhar só o corpo, mas faz só a cabeça.

Durante a entrevista, ao falar do desejo do personagem para por um tempo olhando para o desenho, e depois completa a resposta. Também sentiu dificuldade de descrever uma ação para o personagem.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu sua deficiência física?

Quando eu tinha 10 anos sofri um trauma, escorreguei e caí, aí traumatizou.

Escorregou?

Escorreguei numa casca de banana e abri o “compasso”. Quebrei o fêmur e o médico só engessou, mas tive necrose. Fiquei um ano e meio sem andar; hoje eu ando, mas tive encurtamento da perna esquerda.

Como e quando se envolveu com o esporte?

Faço esporte adaptado só há dez anos. Antes [do acidente] fazia esporte normal, fazia caratê, futebol de salão e natação.

E qual esporte adaptado faz?

Só o basquete.

Como tem sido sua vida desde então?

Normal, melhor agora, porque quando tinha 10 anos não fazia nada. Foi um empurrão para ficar elétrico.

Suponha que esta pessoa seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Este é o João, ele está olhando o pôr do sol. Ele trabalhou o dia inteiro e está cansado, mas como estava um dia bonito, foi para a praia ver o pôr do sol.

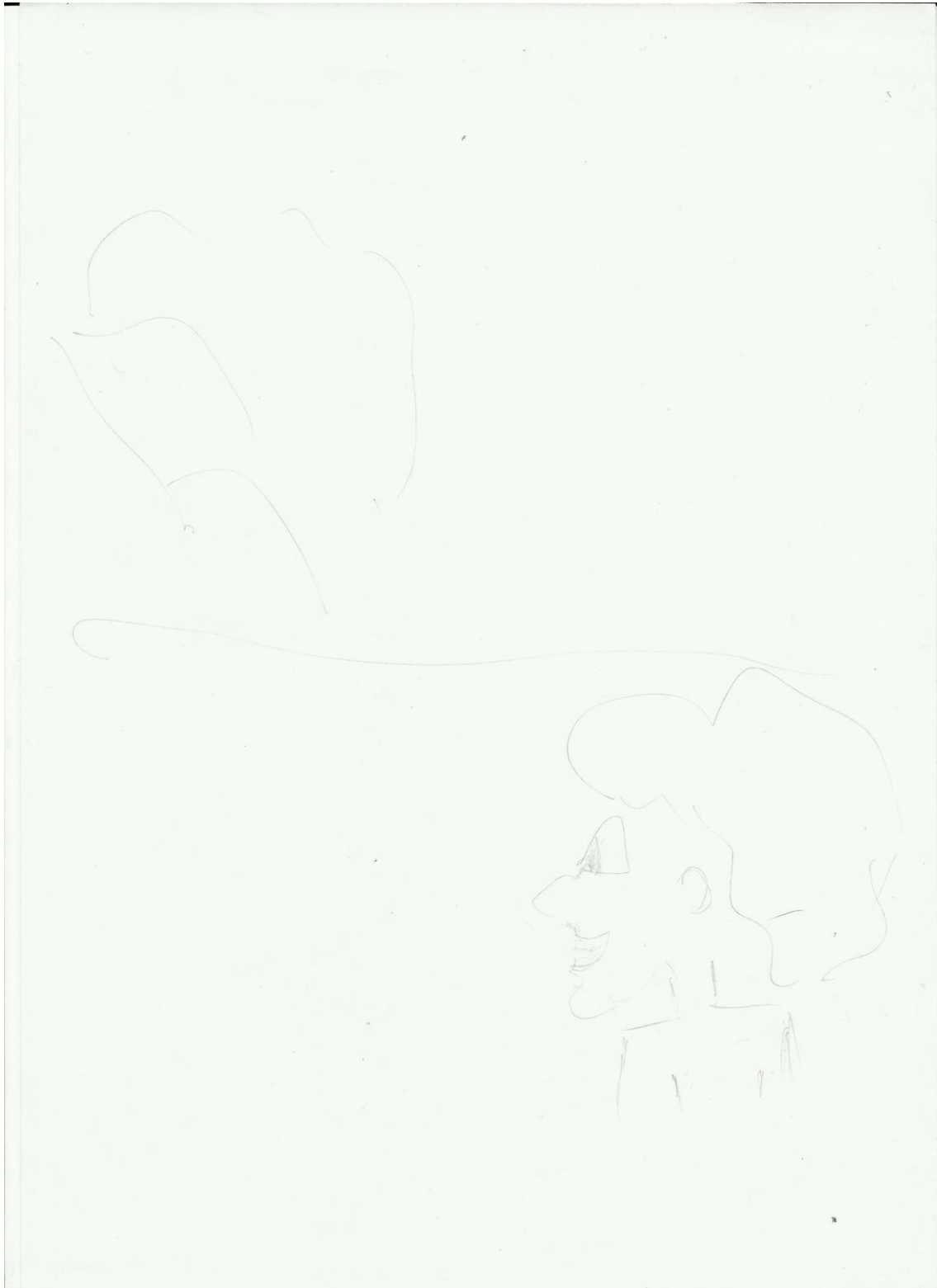
Qual seria um desejo dele?

Liberdade (para por um tempo, olhando o desenho). Diria felicidade, mas pelo jeito que está rindo já está feliz.

Descreva uma ação.

(demora para responder) Além de ele estar parado olhando o pôr do sol? Esta difícil porque está só parado olhando, não está fazendo nada. Acho que quer liberdade, mas acho que só está olhando mesmo.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho chama a atenção pelo fato de estar dividido em dois tempos: um esboço, por onde começou o desenho, e a figura humana. Durante a entrevista João também faz uma divisão do tempo de sua vida, antes do acidente e depois do acidente – *“melhor agora, porque quando tinha 10 anos não fazia nada. Foi um empurrão para ficar elétrico”*. O acidente ser *“um empurrão para ficar elétrico”* e que antes *“não fazia nada”* são afirmações intrigantes, uma vez que relata que fazia diversas atividades: *“caratê, futebol de salão e natação.”*

Descreve o personagem por meio de uma ação passiva olhar o pôr do sol, uma ação que seria possível com seu esquema corporal atual. Além disso, tem dificuldade de descrever uma ação para o personagem que não seja olhar o pôr do sol; ele quer liberdade, mas só fica olhando, passando a idéia de falta de movimento; ou seja, há uma dificuldade do sujeito estar presente de forma ativa, notado no desenho também pela leveza do traçado que torna o personagem quase inexistente.

Ao falar do desejo, relata que *“diria felicidade”*, mas já está feliz, então deseja liberdade, indicando que deveria desejar algo que ele ainda não tem - a liberdade. Sendo assim, parece haver um corpo com dificuldades de desejar, indicando uma imagem corporal inconsciente com restrições. Seria este um corpo que hesitaria desejar porque seu esquema corporal comprometido encontraria dificuldade em realizá-lo? Ou porque teme os riscos desses desejos, sequela do acidente que o deixou com uma deficiência?

7- Sr. Adolfo, 28 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado é bem articulado e conhecido pelo time como namorador. Tem um jeito sedutor, passa olhando de lado para as mulheres que assistem o treino e conversa aproximando seu rosto ao da pessoa e olhando nos olhos. Conheci uma ex-namorada sua que relata que ele tem a necessidade de paquerar as mulheres para tentar “provar ser homem”.

Montou uma dupla com outro integrante do time de basquete que toca em bares da cidade de Santos-SP.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Dia trinta de dezembro de 2001 tive um acidente traumático: capotei de carro em São Bernardo.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Antes do acidente jogava futebol, como a maioria dos meninos, e fazia natação e judô. O antigo técnico do time que me apresentou o basquete; eu estava no CONDEF para fazer uma cadeira e ele me convidou nem se fosse só para assistir, quando eu fui ver já sentei na cadeira e já fui jogando. O basquete é um esporte violento e ao mesmo tempo muito bonito, impossível de não se apaixonar.

Violento, como assim?

Sei lá, violento.

Como tem sido sua vida desde então?

Fácil não é, mas estou muito melhor que antigamente, sinto falta de algumas coisas de bola, praia, mas supro com o basquete e balada. É difícil porque todo mundo olha para você; no começo me incomodava, hoje agradeço porque se eu cair me ajudam a levantar. Eu namorei, fui noivo com uma fisioterapeuta. Hoje sou músico por ser deficiente, e graças à cadeira de rodas parei para realizar este sonho.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

O Sr. Adolfo é um cara muito família, adora jogar futebol de botão. Ele é formado em engenharia, é um cara muito intelectual.

Quais seriam os desejos do personagem?

Namorar, casar, um dia ter filhos e uma vida estável.

Descreva uma ação deste personagem.

Desenhando um projeto novo que vai dar um up para a carreira dele.

Que projeto é este?

Um prédio que estão construindo perto de casa, é ele quem está fazendo.

DESENHO



ANÁLISE

Ao falar como ocorreu à deficiência física, o entrevistado relata ter sofrido *“um acidente traumático”*. O modo como foi empregada a palavra “traumático” passa idéia de que a situação foi traumática, dizendo mais de um sentimento do sujeito frente ao acidente do que de uma lesão corporal (trauma físico) provocado pelo acidente.

Sr. Adolfo encara o novo esquema corporal como um corpo com outras possibilidades como, por exemplo, jogar basquete e ir a *“baladas”*, ao invés de jogar bola e ir à praia. Encara ainda os olhares dos outros para ele como cuidado – *“se cair ajudam a levantar”* - e não como estranhamento, parece indicar que conseguiu transformar o incômodo inicial do olhar dos outros em vantagem; é como se este corpo fosse *“um projeto novo que vai dar um up para a carreira dele”*. “Up”, vale lembrar, tem o significado de “para cima”.

Além disso, vê este novo corpo como capaz de desejar e de realizar estes desejos, como ser músico e construir uma família, uma vez que o sujeito se mostra “namorador” e montou uma dupla de músicos. O desenho ser de meio corpo, as pernas estão ausentes, não interfere na realização das atividades do personagem – é engenheiro e joga futebol de botão. Poder-se-ia pensar que a ausência da funcionalidade das pernas do entrevistado também não interfere nas suas conquistas, mostrando uma potência de ação deste novo corpo. As características do desenho – ser um homem mais velho e intelectual por usar óculos, cujo sorriso e mãos para trás mostram uma pessoa sem agressividade –, correspondem ao perfil descrito: *“um cara muito família, adora jogar futebol de botão; mostrando mais uma vez este corpo capaz de realizar os desejos. Esta carência de agressividade*

contrasta com o fato de dizer que o basquete é um esporte violento. O esporte estaria sendo a via pela qual consegue dar vazão à sua agressividade, elemento essencial para a ação?

É interessante notar que o desenho tem um aspecto frágil e ganha definição por meio de um traçado forte e sobreposto, ou seja, há um reforço para definir este sujeito de corpo frágil, mas que pode desejar e que tem recurso para buscar realizar tais desejos, sugerindo que sua imagem corporal inconsciente está preservada.

8- Super Cadeira, 25 anos

OBSERVAÇÕES

Percebi o entrevistado como o jogador mais tímido do time de basquete; apesar de ter boa interação com os colegas, intervêm pouco nas conversas em grupo após o jogo, ficando mais ouvindo; por outro lado, durante a entrevista foi desenvolto ao responder às questões, estabelecendo bom contato visual e com fala fluente.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Foi lesão por arma branca, levei uma facada nas costas no nível T3. Tinha 15 anos, estava saindo da escola quando uns moleques vieram roubar minha bicicleta e acabaram me dando uma facada.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Antes do acidente eu jogava futebol; com 17 anos conheci um cadeirante que me apresentou o basquete; foi o que me reabilitou, fazia fisioterapia, mas não tive tanta evolução como tive com o basquete.

Como tem sido sua vida desde então?

Normal, trabalho em uma madeireira; eu estudei, faço atividade física, musculação e tenho um filho.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

É o Super Cadeira, um lutador, pois corre atrás de seus objetivos. Ele é forte e genioso por nunca abaixar a cabeça a ninguém e correr atrás de respeito e igualdade.

Quais seriam os desejos do personagem?

Igualdade e respeito.

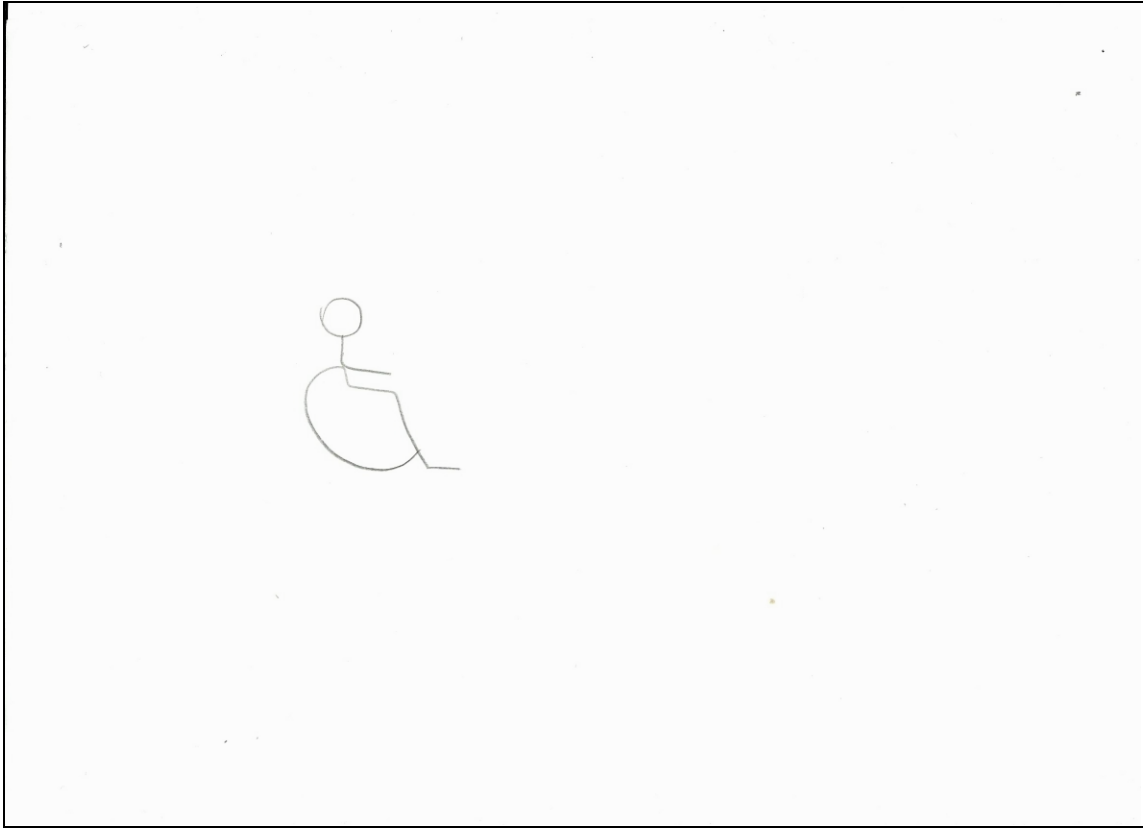
Descreva uma ação deste personagem.

Batalhando pelos seus objetivos.

Quais seriam estes objetivos?

Ter vida estável, felicidade e saúde. Ele procura qualidade de vida e trabalha muito.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado desenhou o símbolo que representa os deficientes físicos, o que mostra um corpo marcado pelo seu novo esquema corporal comprometido, a ponto de ser representado fundido à cadeira de rodas, uma marca da mudança de sua condição física.

Desenhar um símbolo indica que a identidade do sujeito está relacionada com a condição de cadeirante. Ser representado por um símbolo de um coletivo parece implicar em perda de singularidade. É interessante relacionar esta ideia com a observação de que o entrevistado ficar tímido em situações de grupo.

Com o corpo representado ele busca “correr atrás de seus objetivos”: *“Ter vida estável, felicidade e saúde”*. Querer conquistar *“vida estável, felicidade e saúde”* sugere que ele não sente estar nesta situação. Na entrevista indica que tem recursos para conquistar estes objetivos, ao descrever atividades como: *“trabalho em uma madeireira, eu estudei, faço atividade física, musculação e tenho um filho”*.

Com o esquema corporal representado por um corpo fundido à cadeira de rodas, o entrevistado consegue *“correr atrás”*, um novo meio de agir com um novo corpo; talvez por esta via a imagem corporal inconsciente se preserve, não encontrando grandes restrições. Ele deseja coisas – *“Igualdade e respeito”* - que corre atrás; há um movimento para tentar realizar o desejo; assim, o sujeito não se encontra passivo. Desejar *“igualdade e respeito”* sugere que não se sente igual aos outros, mas que gostaria de se tornar igual. Além disso, se torna forte por *“nunca abaixar a cabeça”*, ou seja, enfrenta as dificuldades e novamente mostra que não se encontra passivo.

No entanto, apesar de ter o desejo e recursos para conquistá-lo, há um contraste entre a entrevista e o desenho: a entrevista mostra uma potência de ação, sugerindo um ideal do entrevistado, enquanto o desenho sugere fragilidade, o que se aproxima da característica de timidez do entrevistado. O nome escolhido o “Super Cadeira” mostra este contraste; o “Super” remete à ideia de super herói, que possui poderes, ou seja, recursos para ação. Já o “Cadeira” torna impessoal, fala de uma marca do sujeito, ser cadeirante, e não sobre o sujeito em si. Pensando nas histórias de super heróis, eles costumam manter sua identidade secreta, que geralmente é de uma pessoa frágil que se torna forte por meio da personagem “herói”, que é a face pública conhecida por todos. Sendo assim, o entrevistado mostrou uma estratégia de transformação de deficiente físico para um super herói, com possibilidade de ação. Considerando o relato – *“basquete foi o que me reabilitou”* –, poder-se-ia pensar que por meio do esporte o entrevistado conseguiu incorporar a cadeira, produzindo uma imagem corporal de força e de possibilidades de ação?

9- Ogro, 30 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado parece ser bastante despojado pelo modo de se vestir e de conversar. Alguns dias depois do jogo de basquete conversava comigo contando do seu relacionamento amoroso e de suas atividades. Disse haver Iniciado duas faculdades, mas não terminado nenhuma por motivo financeiro, e que gostaria de fazer o curso de publicidade e propaganda. Afirmou que hoje trabalha com *marketing*, fazendo *freelancer*. Mora com a namorada, mas relata que o relacionamento “está em crise”, porque ela tem ciúme até quando ele vai jogar

basquete. É amputado na altura da coxa e consegue andar com o uso de prótese, a qual retira para jogar.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Em março de 2003 em um acidente de trem. Estava na cidade de Cerquilha correndo ao lado do trilho do trem e acabei caindo bem na hora que o trem estava passando. O trem cria um vácuo e acabou me puxando para baixo dele, não senti nada, foi rápido. Depois que ele passou olhei para meus amigos falando que estava bem e que estava indo, vi a cara deles e quando olhei, meus dois pés estavam pendurados. Como em Cerquilha não tem estrutura hospitalar, demorei para ser transferido para outra cidade. Só me lembro da enfermeira pedindo para falar meu nome completo, nem terminei de falar e “apaguei”, quando acordei, estava amputado.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

[Antes do acidente] Jogava futebol e artes marciais; já joguei futebol na escolinha do Santos e da Perdígão. Na adolescência meu sonho era ser jogador de futebol; ainda bem que “me perdi” e abandonei o futebol, porque senão, o trauma seria muito maior. Em 2004 [depois do acidente] aprendi a andar e me envolvi com o basquete; foi muito bom porque me colocou na sociedade, me mostrou outra realidade.

Como tem sido sua vida desde então?

Como qualquer vida tem altos e baixos. Há quatro anos tenho um relacionamento sério e hoje não estamos bem; também estou desempregado, hoje estou fazendo freelancer. Uma vez tentei ter um negócio próprio, investi todo meu dinheiro nele,

mas não deu certo, fiquei “depressivo”, mesmo depois de me envolver com o esporte.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Este é o Ogro, um cara grosso que no fundo tem bom coração. Hoje ele tenta fazer só coisas boas, pois passou por perrengues na vida. Acho que hoje ele é um cara legal.

Quais seriam os desejos do personagem?

Ser feliz, independente de qualquer coisa.

Descreva uma ação deste personagem.

Espontaneidade, ele está buscando o que ele quer, coisas que fazem bem para ele e para outras pessoas. Quer mudar o mundo, é um “Cazuzinha”. Ele tenta fazer coisas boas para mostrar para os outros, ser exemplo, buscar, com ações e com comunicação, outras pessoas para formar uma corrente do bem. Também quer sustentar sua casa.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho de uma cabeça elaborada e um corpo praticamente ausente chama atenção pela aparência grosseira, assustador à primeira vista, embora o olhar transmita uma idéia de desamparo.

O nome escolhido, Ogro, e as características do desenho, remetem ao personagem da animação dirigida por Andrew Adamson e Vicky Jenson, Shrek. Shrek é um ogro ermitão, mas que sempre está acompanhado de sua esposa princesa Fiona e seu amigo Burro. Apesar de sua aparência grosseira, Shrek é um ogro do bem. Assim como Shrek, o Ogro é *“um cara grosso que no fundo tem bom coração”*, que tenta *“fazer só coisas boas”*. No entanto, é contraditória a aparência do desenho com a vontade de fazer contato - *“buscar com ações e com comunicação outras pessoas”* - e de fazer o bem - *“fazer coisas boas”* -, pois a fisionomia dificultaria alcançar estas vontades. Pode-se supor que há estas vontades, de fazer contato e coisas boas, por parte do entrevistado, mas que sua imagem corporal dificultaria alcançá-las.

Além disso, o entrevistado viu o que havia acontecido com ele no acidente através dos olhares dos amigos. Será que estes olhares não seriam de quem estava vendo algo assustador como a figura representada no desenho?

As ações do personagem de buscar *“coisas que fazem bem para ele e para outras pessoas”* e *“fazer coisas boas para mostrar para os outros, ser exemplo”* parece ser uma forma de reparar seu comportamento de *“ter se perdido”*. Poder-se-ia pensar então que encara o acidente como um castigo por ter *“se perdido”*, e agora quer reparar com boas ações?

O entrevistado compara o personagem desenhado com o cantor de rock que iniciou a carreira nos anos oitenta, o Cazuza, conhecido por ser ousado, rebelde e impulsivo, características presentes nos relatos do entrevistado- *“me perdi”, “investi todo meu dinheiro”*. Além disso, o entrevistado relata que *“Ser feliz, independente de qualquer coisa”*, mas seria independente de que? De seu esquema corporal? De sua aparência? De suas limitações?

Sendo assim, apesar de o entrevistado ver seu esquema corporal como grosseiro e assustador, ele deseja coisas grandiosas como mudar o mundo, mas para isso precisa de outras pessoas (formar uma corrente do bem). Desta forma, o entrevistado tem o desejo preservado, mas parece sentir uma dificuldade de realizá-lo sozinho, mostrando uma imagem corporal preservada, mas com limitações.

Um fato que vale apenas destacar é o de seu relato sobre o basquete ter colaborado na inserção social e na reabilitação: *“me envolvi com o basquete, foi muito bom porque me colocou na sociedade, me mostrou outra realidade”*. Há uma contradição entre a aparência assustadora do desenho e sua essência, ser bom. Esta contradição está presente em alguns desenhos animados como *“A Bela e a Fera”*, em que a Fera depende de um outro (a Bela) que o veja além de sua aparência. Assim como no desenho, poderia se pensar que o esporte teve o papel deste olhar capacitante, capaz de enxergar para além de seu esquema corporal, permitindo o entrevistado sair do isolamento e se inserir na sociedade.

10- Olívia Palito, 43 anos**OBSERVAÇÕES**

Apesar de fazer parte do time de basquete, não tem ido com frequência aos treinos; durante o período que frequentei, o vi em apenas dois treinos. Aparenta ser o mais velho do time, por ter alguns cabelos brancos, um rosto com algumas rugas e ter menor preparo físico, além de aparentar ser frágil. Mostrou-se tímido, respondendo a entrevista de modo um pouco envergonhado. Relatou que mora com a esposa e as duas filhas, das quais fala com orgulho (a mais velha tem 7 anos).

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Em 1967, com um ano de idade tive paralisia, poliomielite.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Foi em 1994; fui morar no Rio de Janeiro em uma entidade, o Clube do Paraplégico, e lá tinha um time de basquete.

Como tem sido sua vida desde então?

Boa, para não dizer mais ou menos, porque aí o bicho pega. Eu trabalhava no posto de gasolina, mas há três anos estou desempregado, mas enquanto estiver com saúde está tudo legal. Esporte é bom para saúde, o médico pediu para eu fazer uma hora por dia de exercício, aí entrei no time de basquete aqui de Santos, acho que já está bom, não é?

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

É a Olivia Palito; esta mulher morava no norte e veio para São Paulo. Em São Paulo arrumou emprego de doméstica e tudo que ganhava juntava em um banco; juntou tanto dinheiro que voltou para o Norte e montou uma empresa.

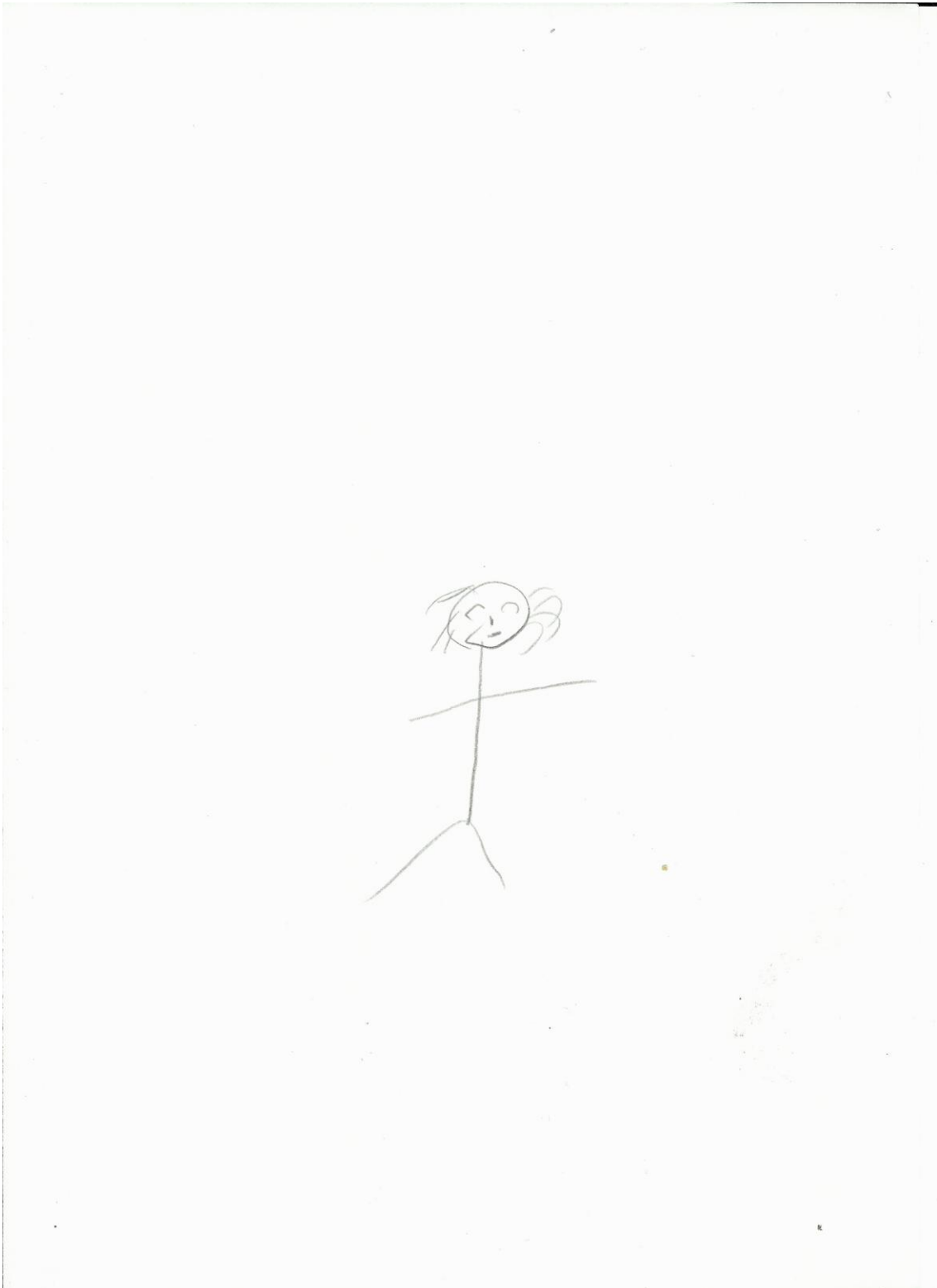
Quais seriam os desejos do personagem?

Um desejo ela já realizou, juntou dinheiro, voltou para o Norte e montou uma empresa. O outro desejo é deixar os filhos bem financeiramente e dar uma casa para cada um.

Descreva uma ação deste personagem.

Sair toda madrugada com uma equipe de pessoas boas. Elas saem distribuindo sopa para as pessoas que moram na rua.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho chama atenção pelo fato do rosto não parecer humano, e pelo corpo palito com pernas fora do eixo (pernas que não sustentam o corpo), olhos e bocas fechados, um corpo que parece disfuncional. Ao responder que a vida tem sido *“Boa, para não dizer mais ou menos porque aí o bicho pega”*, o entrevistado suaviza a informação que sua vida não está boa; e é interessante a expressão usada *“se não o “bicho pega”* com o fato de o desenho não parecer humano, ficando a impressão que aquele corpo seria a dificuldade, o “bicho que pega”.

O personagem nomeado é a Olívia Palito, um personagem feminino, mas o desenho não é de um corpo sexuado, pois não tem atributos de gênero. Além disso, Olívia Palito é o nome de uma personagem das histórias em quadrinhos *Thimble Theater* criada por Elzie Crisler Segar em 1919, cujo namorado é o marinheiro Popeye. Ela se caracteriza por ser uma mulher frágil que em grande parte da história vive sendo perseguida por Brutus, mas sempre acaba sendo salva pelo marinheiro. Assim como a personagem dos quadrinhos, a figura do entrevistado também passa a impressão de fragilidade, aparentando ser o mais velho do time e com um modo um pouco envergonhado.

O personagem tem uma história de superação: uma mulher que vence a pobreza, passando de doméstica para dona de uma empresa e, ao invés de receber ajuda, oferece ajuda – *“deixar os filhos bem financeiramente”* e *“Sair toda madrugada com uma equipe de pessoas boas. Elas saem distribuindo sopa para as pessoas que moram na rua”* -, faz uma ação de caridade.

Apesar de a personagem ter um desejo de superação e realizar uma ação de caridade, o corpo desenhado é bidimensional; não apresenta potência: é um corpo

sumário, frágil e sem sustentação, indicando dificuldades na imagem inconsciente corporal, pois o corpo aparece sem força, sem possibilidade de contato, quase não humano.

No entanto, há um contraste entre a descrição do personagem e o desenho. Ao pensar na história de superação do personagem, é como se conseguisse passar do mínimo representado pelo desenho, ao máximo – *“arrumou emprego de doméstica e tudo que ganhava juntava em um banco; juntou tanto dinheiro que voltou para o norte e montou uma empresa”*. Sendo assim, talvez pudéssemos pensar em uma imagem corporal inconsciente com restrições, mas também com a sensação de potência de superação.

11- Vitoriano, 49 anos

OBSERVAÇÕES

Está foi uma entrevista que senti mais dificuldade de organizar, pois o entrevistado interrompia suas respostas para falar da sua experiência pessoal e algumas vezes se emocionou enchendo os olhos de lágrimas.

Relata que ficou deprimido com a doença (tumor na medula) e que no hospital colocaram grades na janela e um guarda na porta de seu quarto por risco de suicídio. Antes ele era jogador de basquete profissional e professor de dança de salão.

Respondeu a pergunta de qual seriam os desejos do personagem e depois contou sua história, que antes da cirurgia ele pensava apenas em trabalhar para dar dinheiro e achava que assim cumpria seu papel de pai e de marido. Hoje acha que foi muito duro com sua filha e que não deu atenção a ela, pois não conversava, não

participava da vida dela e de seus familiares. Contou que depois da cirurgia mudou sua postura com seus familiares, dando mais atenção e que passou a ajudar entidades carentes.

O entrevistado anda com muleta com dificuldade, e relata não ter muito equilíbrio.

ENTREVISTA

Como e quando ocorreu a deficiência física?

Foi depois da cirurgia que fiz, mas antes, quando jogava basquete sem cadeira sentia falta de movimento, fraqueza; quando as pessoas encostavam nas minhas pernas sentia um choque. No dia 14 de abril de 2009 tirei um tumor na medula; ele não era maligno, mas estava pressionando a medula e estava perdendo o movimento das pernas. Este tipo de tumor poderia dar em qualquer lugar do corpo, menos na coluna. Quando acordei da cirurgia não sentia as pernas e ganhei dez pinos e duas placas na coluna. Fiquei quatro meses sem nenhum movimento nas pernas; hoje ainda não recuperei todos os movimentos, não mexo o pé e não tenho movimentação lateral do quadril.

Como e quando se deu o envolvimento com o esporte?

Com 11 anos já jogava basquete e iniciei no atletismo com 12 anos. Joguei basquete em times profissionais como o de Franca; depois da cirurgia me convidaram para jogar basquete de cadeira e também faço canoagem e ando de triciclo. Hoje parei um pouco com o esporte porque aposentei pela Sabesp e tenho que ir atrás de um monte de papelada.

Como tem sido sua vida desde então?

No início tive depressão e tiveram que trancar o quarto e colocar segurança na porta do quarto do hospital. Até hoje passo no psiquiatra e psicólogo para tentar me organizar como posso.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

É o Vitoriano, ele tinha uma vida ativa e muito dinheiro, poderia fazer o que quisesse como comprar carro, casa e não tinha que enfrentar a fila do INSS. Antes tinha amigos, até que um dia sofreu um acidente e ficou tetraplégico e nem todo dinheiro do mundo resolve o problema dele. As pessoas lamentavam o que aconteceu, mas com o tempo se afastaram. Ele começou a ler muito e mesmo assim a depressão não largava dele. Até que um dia leu um livro que contava uma história onde as pessoas só dão valor uma nas outras pelo que elas têm ou pelo que proporcionam de coisas boas. As únicas pessoas que estavam ao seu lado eram os pais e Vitoriano estava indo embora, mas tinha oportunidade de ajudar muita gente por doações e por poesia que se espalhava pelo mundo todo. Como os órgãos ainda funcionavam, ele morreu sorrindo porque poderia doá-los e assim ser superior e melhor que os outros.

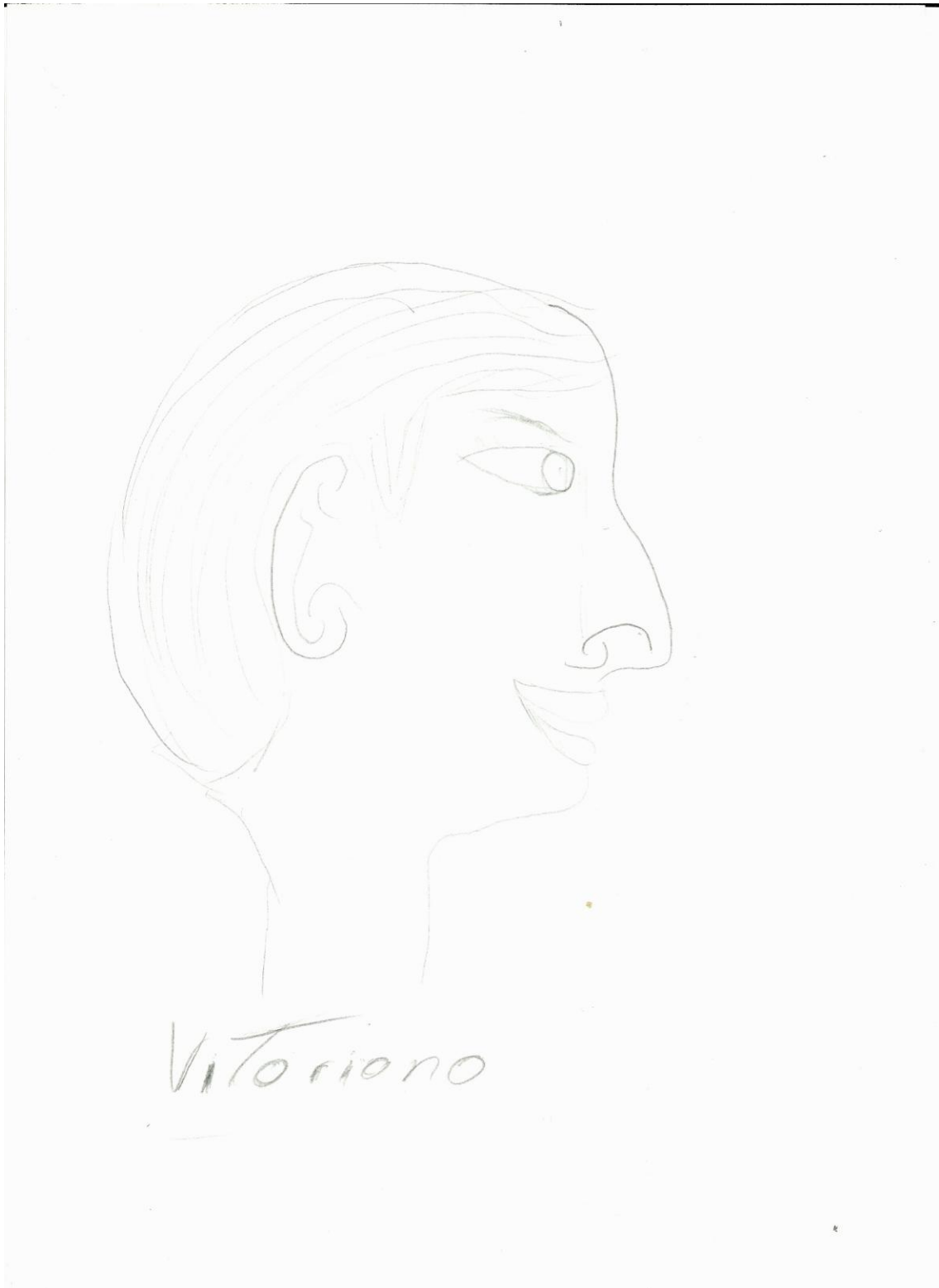
Quais seriam os desejos do personagem?

Ajudar os outros mesmo com doação de órgãos; antes ele não pensava nisso, só foi pensar em dar atenção e ajudar os outros depois do acidente. Vitoriano era filho de uma dona de uma faculdade aqui de Santos e ajudou muita gente mesmo sem se movimentar.

Descreva uma ação deste personagem.

A melhor ação é de ter tido consciência de ajudar os outros, porque antes ele era muito egoísta.

DESENHO



ANÁLISE

O nome escolhido para o personagem, Vitoriano, remete à idéia de vencedor; vencer, segundo o dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 2010) significa triunfo, vantagem. O personagem descrito pratica ações de caridade buscando uma nova maneira de *“ser superior e melhor que os outros”*, uma nova maneira de se sentir superior em relação às outras pessoas, uma vez que *“as pessoas só dão valor umas nas outras pelo que elas têm ou pelo que proporcionam de coisas boas”*.

O entrevistado relata que antes da cirurgia pensava apenas em trabalhar para dar dinheiro para a família, uma das formas de ser reconhecido *“as pessoas só dão valor umas nas outras pelo que elas têm”*; considerando que está se aposentando, então, após o acidente passou a praticar ações de caridade para ser reconhecido pelo que *“proporcionam de coisas boas”*. Ou seja, o entrevistado busca um lugar de destaque como o nome do personagem indica.

Sendo assim, entende-se a depressão do entrevistado com seu novo esquema corporal, menos por este ser limitado e mais por colocar o sujeito em uma condição de desvantagem. O olhar do desenho chama atenção por parecer fulminante; seria por invejar o esquema corporal sem limitações?

Outra característica do desenho que chama atenção é a boca aberta, receptiva, mostrando uma abertura para contato, como diz ter tido depois da cirurgia com seus familiares, dando mais atenção a eles.

Apesar de o desejo e as ações do entrevistado serem de caridade, ele busca com elas se destacar, ser superior, sugerindo a idéia de uma imagem corporal inconsciente preservada; mas porque não desenhou o corpo? Seria este um

representante de seu esquema corporal limitado que o colocaria em uma posição de desvantagem?

4.1.1 Análise do grupo A

Uma característica marcante do grupo foi a ausência de corpo completo nos desenhos, uma vez que, de onze entrevistados, apenas dois desenharam o corpo: um do sexo oposto ao seu e outro um “corpo palito”; e um desenhou o símbolo dos cadeirantes.

Embora sem o corpo completo, os desenhos apresentam, na maioria, alguma impressão de tridimensionalidade. Com altura, largura e profundidade, a figura parece se tornar mais complexa, favorecendo visualizá-la de diferentes pontos; os desenhos também transmitem uma possibilidade de movimento, de serem dinâmicos e capazes de se relacionar, pois uma figura com volume sugere maior possibilidade de contato. Para Safra (2005) a tridimensionalidade é uma aquisição do horizonte psíquico da criança; corresponde a um sonhar de possibilidades e de realização de desejo; para isso é preciso que, na relação do sujeito com outro, este outro tenha investido afetivamente no sujeito, depositando nele um sonho. Mas é preciso também que as ausências não excessivas nem insuficientes deste outro criem uma distância que será preenchida pela vida imaginativa da criança. Esta distância pode ser pensada como uma castração simbólica que abriu uma nova possibilidade, a de sonhar. Simbolizar a castração permite também encontrar meios de materializar os sonhos, o que pode ser relacionado ao fato de a deficiência de marcha do entrevistado ter aberto a perspectiva do desenvolvimento da habilidade de jogar basquete.

Considerando a idéia de Safra (2005) de que a criança dispõe da vida imaginativa quando toma posse de seu corpo significado pela presença do outro, e considerando também que Dolto (2008) atribui importância do olhar de um outro para a formação do sujeito, supomos que os sujeitos deste grupo podem ter tido um olhar capacitante do outro, colaborando para que pudessem ter desejo e possibilidade de ação não restritos às deficiências de seu esquema corporal.

Declarações dos entrevistados permitem supor que a prática do esporte cumpriria a função de recolocar o sujeito no mundo, de superar problemas, de aumentar sua autonomia, sendo um instrumento de reabilitação, além de ampliar o círculo de relações, como expressado nas falas: *“difícilmente iria superar este problema sem o esporte”*; *“com o esporte fiquei mais sociável e independente”*; *“basquete, foi o que me reabilitou”*; *“me envolvi com o basquete, foi muito bom porque me colocou na sociedade, me mostrou outra realidade”*.

Considerando que movimentos do corpo poderiam modificar a sua imagem (Shilder, 1994), e que a imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional, sendo, ao mesmo tempo, atual, viva, em situação dinâmica simultaneamente narcísica e inter-relacional (Dolto, 2008), podemos pensar também que o esporte faria um papel capacitante, ou seja, funcionaria como uma relação que potencializa o sujeito, contribuindo para que os participantes deste grupo parecessem apresentar uma imagem inconsciente corporal preservada. Uma hipótese seria de que o esporte funcionaria como um objeto que lhes devolve um olhar de crença em suas possibilidades por meio do técnico, do time e da torcida.

Então, porque não foi desenhado o corpo completo? Pensamos na hipótese de que haveria uma função compensatória, um processo correspondente à

sinédoque na linguagem. Sinédoque é uma figura de linguagem, um tipo de metonímia, que consiste na atribuição do todo pela parte, ou da parte pelo todo. Em nosso caso pensaremos nesta última acepção, em que a parte desenhada – cabeça com ou não parte do tronco – representaria o todo – o corpo completo do sujeito; assim, a parte não representaria apenas o todo no sentido quantitativo, mas também qualitativo. A parte funcionaria como se fosse o todo; no caso do deficiente, compensando a ausência de funcionalidade de parte do corpo.

Na obra *O Homem que Anda* de Auguste Rodin (1840-1917), também observamos algo que poderíamos aproximar do que estamos chamando de sinédoque, mas a ausência é da cabeça, estando representada com destaque a parte do corpo fundamental para o andar, as pernas, que na escultura passam uma idéia de movimento. As obras de Rodin – escultor que teve grande influência do impressionismo e do simbolismo, principalmente das obras de Michelângelo –, não foram aceitas por três vezes pela Escola de Belas Artes de Paris, pois causavam polêmicas por parecerem um esboço, uma obra inacabada. Suas esculturas parecem ser fragmentos de esculturas clássicas, compreendendo como uma parte da obra seria capaz de representar o todo dela (Farthing, 2010; Tames, 2005). A hipótese é que a estratégia utilizada pelos entrevistados foi semelhante à de Rodin.

4.2 Grupo B- sujeitos que não praticam esporte

2- Carlos, 43 anos

OBSERVAÇÕES

Fiz a entrevista em um serviço de fisioterapia e o fisioterapeuta do local informou que o entrevistado teve paralisia cerebral durante o parto. Ele não tem

coordenação com o braço e mão esquerda, ao contrário de seu lado direito que movimenta bem, tornando possível desenhar.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Acho que foi em um parto, eu já nasci deficiente.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Este é o Carlos, ele nasceu em Santos na região da Ponta da Praia. Ele se incluiu em um grupo escolar e depois foi fazer engenharia. Na escola conheceu um amigo, o Antônio, e combinaram de fazer engenharia juntos. Então, ele passou no vestibular e ganhou cem por cento de bolsa para cursar engenharia. Quando ele e Antônio se formaram, montaram uma empresa e cada um se apaixonou pela sua secretária. Eles casaram com as secretárias e tiveram filhos. Os filhos cresceram e foram trabalhar com os pais e assim a empresa continuou crescendo.

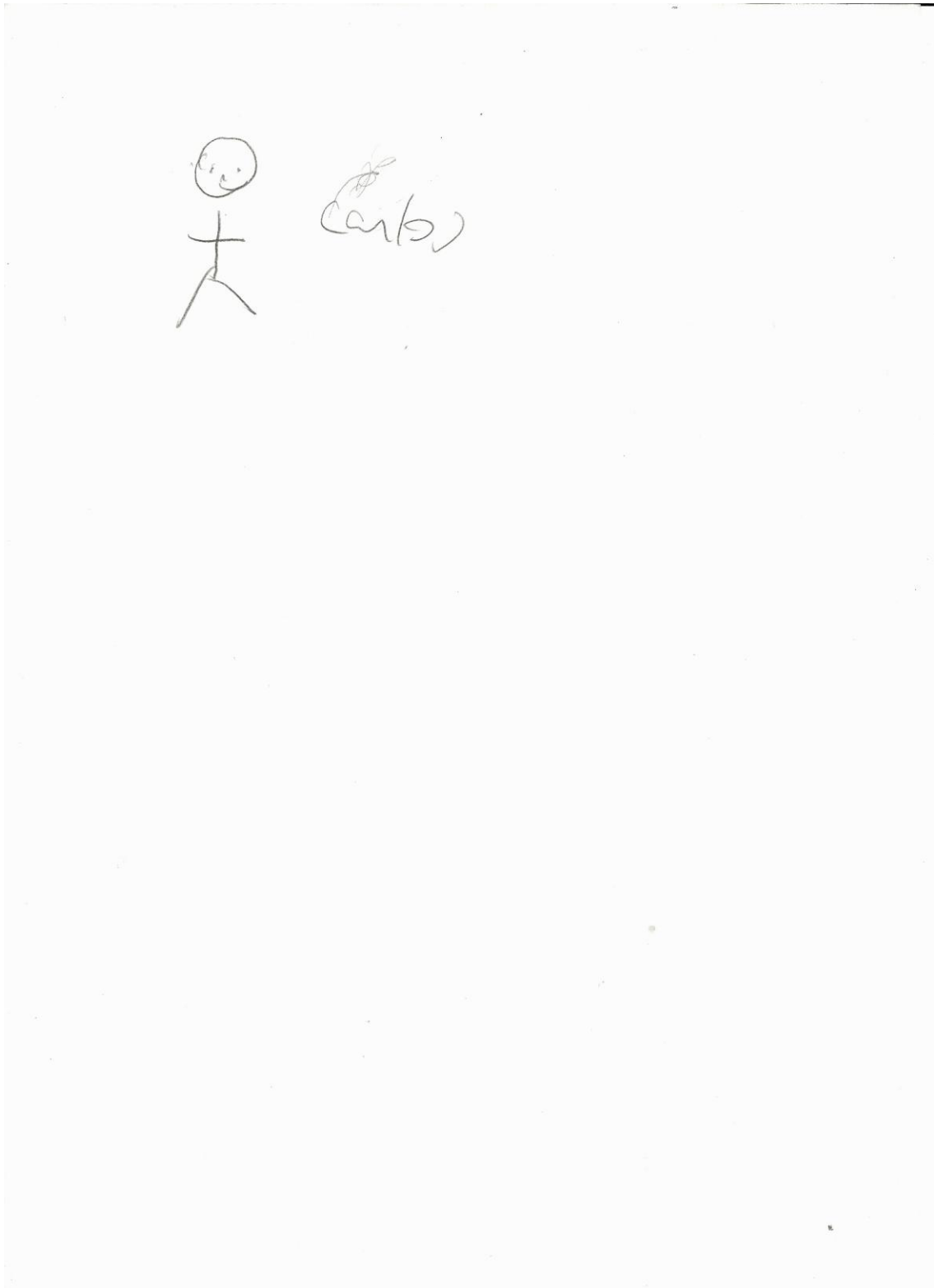
Quais seriam os desejos deste personagem?

Casar e formar uma família, mas isso ele já conseguiu. Então é de a empresa crescer e conhecer o mundo, ir para o Japão para conhecer novas técnicas de engenharia.

Descreva uma ação deste personagem.

Jogando bola nos fins de semana com os colegas da empresa.

DESENHO



ANÁLISE

A história contada chama atenção pelo fato de o personagem realizar suas atividades sempre com um amigo – *“Quando ele e Antônio se formaram, fundaram uma empresa e cada um se apaixonou pela sua secretária”* –, como se sozinho não conseguisse realizá-las, ou seja, precisa de um suporte, pois sozinho seria insuficiente para realizar seu projeto de vida. Ao falar que o personagem *“se incluiu em um grupo escolar”* passa a idéia de exclusão, como se incluir em um grupo não fosse um processo natural, sugerindo uma experiência de não pertencimento.

O entrevistado tem ação – *“ele e Antônio se formaram, montaram uma empresa”* e *“Jogando bola nos fins de semana com os colegas da empresa”* –, mas que só é realizável com o apoio de outras pessoas, talvez por sentir seu esquema corporal sem recursos para isso. O desenho esquemático, de um corpo palito, é muito simplificado, reduzido ao mínimo, parecendo incapaz de realizar atividades. E, também, há uma separação entre cabeça, tronco e pernas que sugere a disfuncionalidade deste corpo.

Além disso, o tronco do desenho tem uma forma de cruz, como se neste corpo houvesse algo de morto. Segundo Dolto (2008) a experiência de morte ao nascer provoca uma ruptura do elo simbólico com a mãe e *“a coesão sujeito – imagem do corpo – esquema corporal que não pode se constituir, porque, para elas, ir em direção à vida era correr risco de morrer.”* (Dolto, 2008 p.175). Seria a impessoalidade da fala – *“Acho que foi em um parto”* – uma forma de se distanciar desta experiência de morte?

O entrevistado descreve um desejo do personagem: *“casar e formar uma família, mas isso ele já conseguiu. Então é de a empresa crescer e conhecer o*

mundo, ir para o Japão para conhecer novas técnicas de engenharia”, que não parece limitado ao seu esquema corporal. O entrevistado consegue pensar e agir, mas não sozinho, é um sujeito sem autonomia; isto é, seus desejos não são limitados, mas seu esquema corporal é sentido como insuficiente para realizá-los sozinho. Assim, sua imagem corporal inconsciente parece estar preservada, mas com limitações.

3- Alexandre, 30 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado respondeu às perguntas de forma objetiva, mostrando-se lacônico. Mostrou dificuldade de criar uma história para o personagem, justificando pelo fato do desenho ser de uma figura humana estática; sendo assim, não estaria realizando nenhuma ação. Demorou a responder à pergunta, olhando para o desenho e falando que não pensara em nada para desenhar; se soubesse que teria que inventar uma história, faria um desenho diferente.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Foi em fevereiro de 2010, na época do carnaval. Foi tentativa de homicídio, um ferimento com arma de fogo.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Este é o Alexandre, uma pessoa que tem vida normal. Não imaginei nenhum problema para desenhar, é como se ele estivesse em ordem, não pensei em nada

de problema. Ele trabalha em uma fábrica, faz esporte e atividade física; e tem uma namorada.

Que tipo de esporte?

Musculação e corrida.

Quais seriam os desejos deste personagem?

Continuar a vida que está levando, continuar bem, sem muita ambição, pois está satisfeito com o que já tem e pronto.

Descreva uma ação deste personagem.

Fez uma competição e ganhou.

Competiu o que?

Competiu um campeonato de levantamento de peso e ficou em primeiro lugar.

DESENHO



ANÁLISE

Pela entrevista nota-se que Alexandre consegue enunciar desejos e pensar em ações para além dos limites do seu esquema corporal –“*Musculação e corrida*” –, mas mostra-se defendido, desde o modo de falar, objetivo, lacônico, até não conseguir imaginar uma história, sugerindo certa dificuldade na formação de sua imagem corporal inconsciente. Ao falar do desejo do personagem mostra esta defesa, sem conseguir pensar em alguma coisa que não tivesse – “*Continuar a vida que está levando, continuar bem, sem muita ambição, pois está satisfeito com o que já tem e pronto*”.

Parece que desejar seria reconhecer uma condição que não tem, um esquema corporal limitado com dificuldade de realizar o desejo, passando uma sensação de falta por parte do sujeito. Além disso, “*é como se ele estivesse em ordem, não pensei em nada de problema*”: porque a história teria que estar ligada a uma problemática? Se para o entrevistado a história estaria ligada a uma problemática, falar que sua vida está bem – “*Continuar a vida que está levando, continuar bem*” – sugere uma negação em relação ao seu esquema corporal limitado.

O desenho parece mais de um boneco do que de uma figura humana; apesar de ser de corpo inteiro, parece disfuncional com as mãos e os pés em forma de pá e os olhos sem pupila. A imagem corporal, mesmo o corpo estando completo no desenho, parece menos funcional e mais defendida.

8- Csei, 37 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado parece ser um menino, pelo modo de falar, com “gingado” e gíria, e também pelo modo de se vestir.

Apesar de ser tetraplégico e dizer não ter firmeza nas mãos, quis participar e desenhou com facilidade. Conta que vai muito a bares ouvir música. Relata ainda que antes do acidente corria na praia diariamente, surfava e andava muito de bicicleta e *skate*, sendo que a corrida era o que lhe dava mais prazer e é o que mais sente falta hoje.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Fiquei tetraplégico devido a um acidente de moto em 2002, em que machuquei a C5 e C6, mas o que me deixou assim foi um edema entre a C6 e C7.

Suponha que esta pessoa do desenho seja um personagem, dê um nome a ele e conte um pouco de sua história.

Ele é o Csei, este é o meu apelido. Este cara é muito brincalhão, gosta de balada e de rock; curte o dia e a noite na balada, mas respeita os horários e os compromissos do dia-dia como, por exemplo, o trabalho. Além disso, ele também lê muito e é um esportista nato, gosta de bicicleta e skate. Este sou eu, meu personagem.

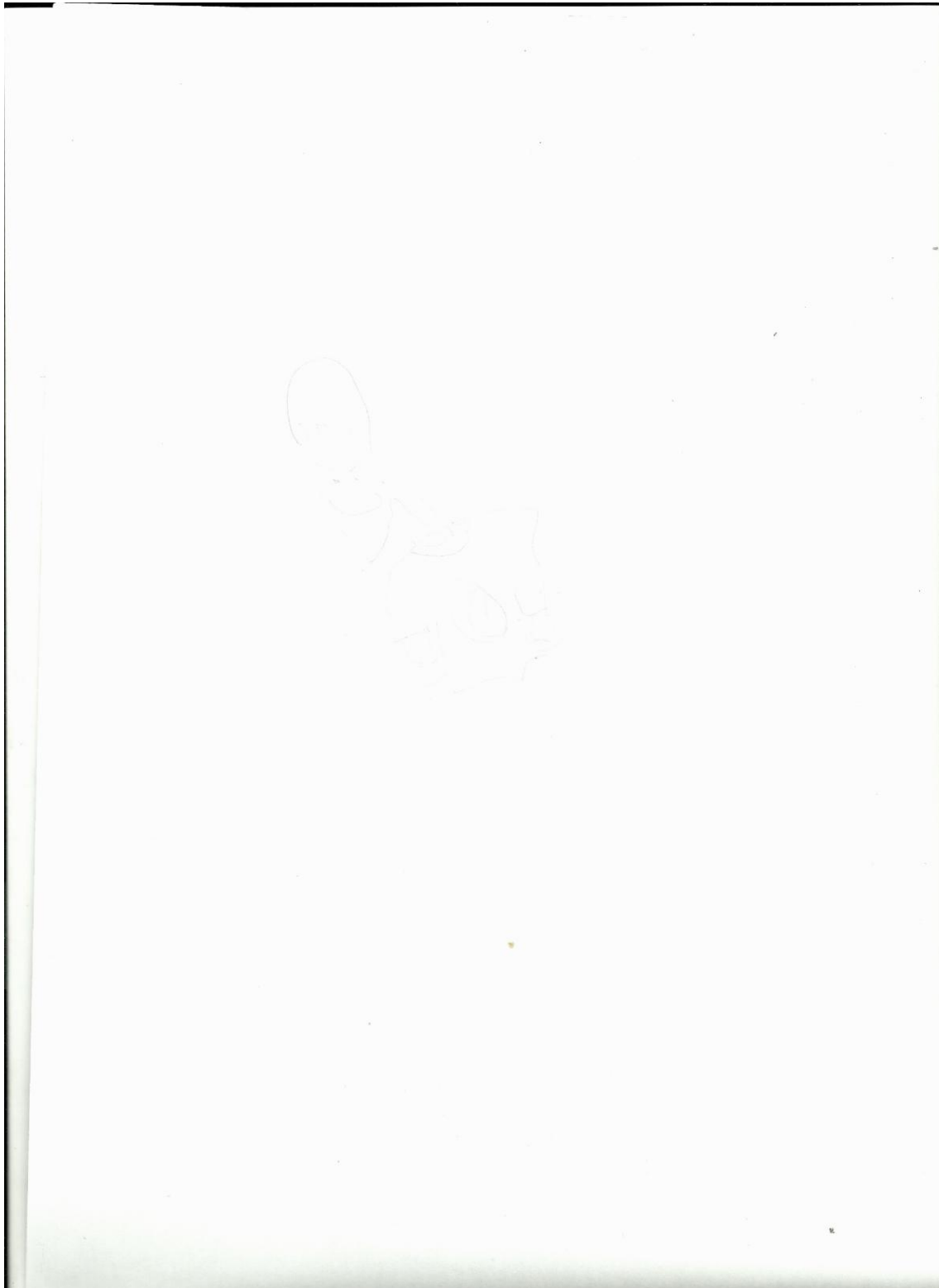
Quais seriam os desejos deste personagem?

Gostaria de ir a um show de rock nos Estados Unidos e andar nas melhores pistas de skate e pegar as melhores ondas, além de conhecer pessoas novas.

Descreva uma ação deste personagem.

Indo trabalhar de skate pela ciclovia da praia em uma velocidade boa de dez quilômetros por hora, o suficiente para sentir como se estivesse surfando no asfalto.

DESENHO



ANÁLISE

O motivo pelo qual o entrevistado ficou tetraplégico foi uma lesão medular entre a C6 e C7, que ficam na altura do pescoço que está representado no desenho, longo e sem ligação com a cabeça e com o corpo, podendo significar a ruptura entre o comando (cabeça) e a ação (corpo). O corpo desenhado não parece muito funcional, há ausência das pernas e dos braços; apesar de a intenção ter sido de desenhar os braços para trás do corpo, aparentam serem cotos. O traçado do desenho é muito leve, sugerindo um sujeito sem força: braços que aparentam cotos, e ausência de pernas, apesar de ter um movimento: uma inclinação do tronco e projeção da cabeça.

O entrevistado consegue desejar coisas que vão além dos limites do seu esquema corporal como: *“Gostaria de ir a um show de rock nos Estados Unidos e andar nas melhores pistas de skate e pegar as melhores ondas; além de conhecer pessoas novas”*. Desejos estes que são de continuar a realizar as atividades que praticava antes do acidente. Considerando que o acidente ocorreu há apenas nove anos, será que isso apontaria para uma imagem corporal inconsciente preservada, ou presa à representação de seu antigo esquema corporal? A favor desta última hipótese há o modo de falar do entrevistado, “gingado” e com gíria, sugerindo malícia e juventude, parecendo ser um menino e não um homem de 37 anos, como observado também no desenho pela cabeça estilizada.

7- Virgulino Ferreira, 44 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado mora sozinho, mas relata que a irmã e o irmão cuidam dele. Tem uma aparência frágil e um vocabulário rico. Teve dificuldade de responder à pergunta sobre quais seriam os desejos do personagem e, ao desenhar o cabelo, diz ser do tempo de sua infância, mas depois fala que na verdade seria um chapéu.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

É de nascença, os sintomas começaram a aparecer quando tinha 8 anos, sentia dores na panturrilha e ao fazer muito esforço às vezes caía. Andei sozinho até o ano passado. Quando era criança eu gostava de jogar bola, mas conforme fui envelhecendo as dificuldades foram aumentando. Esta doença é hereditária, já nasci com ela, tenho distrofia muscular do tipo Beckham.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

Virgulino Ferreira, o Lampião. A história dele é que revoltado com o sistema político brasileiro, resolveu montar um bando; dissociou-se das leis do Estado e passou a levar uma vida própria, mas ele não acha que é um herói.

Quais seriam os desejos deste personagem?

Desejo de ser destemido, e temido pelos poderosos; e tentar fazer justiça com as próprias mãos.

Descreva uma ação deste personagem.

Invade uma fazenda para roubar tudo que for possível e invadir uma cidade do interior do Nordeste para roubar os pertences das pessoas mais ricas.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado desenha e conta uma história de Lampião que mostra autonomia – *“revoltado com o sistema político brasileiro resolveu montar um bando, dissociou-se das leis do Estado e passou a levar uma vida própria”*. Com esta autonomia cria novas possibilidades, cria suas próprias regras. O entrevistado também destaca situações da sua vida que mostra, de certa forma, autonomia, como morar sozinho, apesar de receber cuidados dos irmãos e de ter destacado que andou sozinho até o ano passado.

O nome escolhido para o personagem, Virgulino Ferreira, é do famoso cangaceiro conhecido como Lampião, nascido em 1896 em Pernambuco, que montou um bando de homens para vingar a morte de seu pai que ocorrera em um confronto com a polícia. No Nordeste é conhecido por roubar fazendas de pessoas ricas, para dar para as pessoas pobres, de forma semelhante à do personagem criado: *“Invade uma fazenda para roubar tudo que for possível e invadir uma cidade do interior do Nordeste para roubar os pertences das pessoas mais ricas”*. A autonomia do personagem parece vir do fato de ser fora da lei, de quebrar regras, que remete à figura de herói. Mas, então, por que não se acharia um herói? A dificuldade do entrevistado de pensar em uma figura de herói seria por ter um esquema corporal limitado?

O sujeito parece apresentar o desejo preservado – *“tentar fazer justiça com as próprias mãos”* – e é ativo, indicando uma imagem corporal preservada. O desejo sugere um sujeito poderoso, mas em uma condição particular, ser fora da lei, ou seja, ele parece especial e mesmo assim poderoso e autônomo; condição

observada no entrevistado, pois apesar de aparentar ser franzino, as ações e o desejo sugerem uma potência.

Apesar de o desenho parecer de uma pessoa capaz de realizar diversas ações, porque teria desenhado apenas a cabeça? Teria o desejo de ação, mas faltaria o recurso corporal para isso; ou seria um outro exemplo de “sinédoque”?

Além disso, o desejo de ser “*destemido, e temido pelos poderosos*”, sugere que ele deseja ser audacioso e valente, ou seja, capaz de enfrentar dificuldades. Esta capacidade de enfrentamento e ter ação e desejo aproximam das características encontradas no grupo que pratica esporte; ser fora da Lei então sugere que de algum modo reconhece a deficiência de seu corpo, seu diferencial, mas parece não querer se limitar a ela.

8– Zé, 48 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado é tetraplégico; apesar de não conseguir pegar objetos com a mão como, por exemplo, o lápis, necessitando que eu encaixasse o lápis em sua mão, conseguiu desenhar sem dificuldade. Relata que treinou muito para fazer movimentos com as mãos, porque queria ter conta no banco e assinar seus documentos.

Conta que casou duas vezes, uma antes do acidente e uma depois. Fala rapidamente, sendo difícil de acompanhar.

Teve dificuldade de imaginar um personagem e criar uma história para ele, justificando que este não está fazendo nenhuma ação, que está estático.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Foi em dois de julho de 1988, às sete horas e cinquenta minutos. Eu sempre andava de moto, mas neste dia estava de carro porque ia levar minha esposa ao médico. Eu tinha um comércio no centro da cidade de São Paulo; saí de lá com minha esposa e parei em um sinal vermelho; quando ele abriu e eu acelerei, um carro bateu na lateral da minha esposa; como tenho um corpo muito grande, fiz igual a um chicote em cima dela, quando voltei, estava lúcido, consciente, mas já estava assim, não sentia mais meu corpo.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

É o Zé, todo mundo é Zé na vida, se não é Zé é Dio, “di o”utro mundo. Está com cara de moleque, jovial. Se tivesse falado antes que iria perguntar isso, teria desenhado duas asas para voar um pouco mais. Tem um pouco dos meus olhos, mas não é o meu nariz, vai ver que fui eu um dia. Sempre que desenho, desenho o perfil virado para o outro lado, e desta vez não sei por que fiz deste lado, ficou engraçado. O Zé é um cara que almeja liberdade e tem medo da velhice. Ele veio nesta vida a passeio, um cara com este perfil não arruma emprego; também, não corta cabelo! Com este perfil, com este cabelo, só pode almejar liberdade. Ele tem cara de observador, mas não sei de que. Com certeza este não é o meu perfil.

Quais seriam os desejos deste personagem?

Liberdade e tranquilidade.

Descreva uma ação deste personagem.

Passear, viajar para a praia, o que não é meu caso, já que morei em praia a vida inteira. Tem cara de boa vida, de sossego, de “deixa a vida me levar” igual ao Zeca Pagodinho.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado escolhe o nome do personagem, Zé, uma vez que *“todo mundo é Zé na vida, se não é Zé é Dio, “di o”utro mundo”*; assim, optar por Zé indicaria que se sente pertencente a “este mundo”, uma vez que ser “Zé” seria ser mais uma pessoa igual a todas as outras. O fato de ele treinar para conseguir assinar seus documentos, também indica um desejo de ser um sujeito inserido na sociedade.

O personagem deseja liberdade e tranquilidade; no entanto, fica no plano do “querer” – ele *“almeja liberdade”* –, e não parece buscar realizar estes desejos por meio de uma ação. O desenho apresenta um traçado contínuo, com exceção da boca, que está mal definida, sugerindo dificuldade de comunicação, como observado na dificuldade do entrevistado contar uma história para o personagem.

Há uma dificuldade de imaginar uma história para este personagem, *“se tivesse falado antes que iria perguntar isso, teria desenhado duas asas para voar um pouco mais”*. “Voar mais” seria conseguir imaginar, criar uma ação para o personagem? É interessante querer acrescentar asas, pois corresponde à ideia de criar um movimento que o corpo não tem, por meio de um recurso corporal que não está presente e é excepcional, uma vez que não faz parte do corpo humano. Então, seria como se precisasse de um recurso excepcional para poder agir.

O personagem criado encontra dificuldades em decorrência de sua característica – *“um cara com este perfil não arruma emprego; também, não corta cabelo!”*; o entrevistado estaria mencionando dificuldades decorrentes de seu esquema corporal limitado?

Ao tentar descrever o personagem, o entrevistado se compara com este, buscando características comuns: *“Tem um pouco dos meus olhos, mas não é o meu nariz, vai ver que fui eu um dia”*. Sendo assim, o que seria esta ausência do corpo no desenho? A dificuldade de descrever um personagem em ação poderia ser pela ausência de um corpo em movimento? Tenta fazer aproximações com ele, mas em uma fala exclui a possibilidade de identificação – *“Com certeza este não é o meu perfil”* – sugerindo um conflito na identificação com o personagem. Ele faz este afastamento e fala que o personagem deixa a vida levá-lo; esta afirmação estaria relacionada ao fato de ser conduzido numa cadeira de rodas e de não querer implicar-se com a condução de sua vida?

Apesar de o entrevistado ter o desejo de liberdade, mostra uma dificuldade de ação: *“passear, viajar para a praia, o que não é meu caso já que morei em praia a vida inteira”*, e também de criar uma história para o personagem, sugerindo uma imagem corporal inconsciente com limitações. Considerando a dificuldade para pensar o personagem em movimento, com esta fala talvez esteja dizendo que, com ações, já conquistou certa liberdade ao longo da vida, mas que agora faltam-lhe recursos para assim fazer, por ter o esquema corporal limitado. Sendo assim, tendo em vista que a imagem corporal é dinâmica, embora ele tenha sofrido o acidente já adulto, parece ter tido sua imagem corporal afetada por ele.

6- Nicolas, 36 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado estava vestido de modo jovial, com boné, corrente e bermuda larga. Estava na cadeira de rodas com a perna esquerda cruzada; a fisioterapeuta

da instituição onde foi ocorreu a entrevista contou que ele não tem movimento, mas consegue flexionar a perna esquerda. Tem um filho de cinco anos.

Teve dificuldade de criar uma história para o personagem e, ao responder, diminuiu o tom de sua voz, falando quase como um sussurro.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Foi há dois anos atrás. Eu sou ex-policial militar e estava com um amigo fazendo segurança de uma lotérica quando ocorreu um assalto na rua da lotérica; não tinha nada haver com meu trabalho. Havia dois homens armados e eu e meu amigo tentamos intervir, mas deu errado; houve troca de tiros e eu acabei sendo baleado na coluna.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

Ele se chama Nicolas, ele é pai de uma criança e ele foi buscar o filho para levá-lo para brincar em um campo de futebol. O Nicolas tinha um jogo para participar e sempre levava o filho dele para jogar bola junto com ele.

Quais seriam os desejos deste personagem?

Fazer a vontade de Deus e agradar a Deus.

Descreva uma ação deste personagem.

Ajudar as pessoas que estão com dificuldade, dando o exemplo de vida pregando a palavra de Deus.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho é de um corpo tridimensional que sugere autoconfiança, e parece interativo, com um rosto elaborado com sorriso e a mão esquerda acenando. O corpo representado é um corpo erotizado, pois parece estar excitado, com uma parte do cinto dando a impressão de um pênis ereto. Ou seja, o corpo desenhado apresenta possibilidades e ação.

No entanto, há uma diferença entre os lados do corpo desenhado, o lado esquerdo parece ter mais possibilidades de movimento: o braço está acenando e tem a perna flexionada, assim como o entrevistado, que consegue flexionar a perna esquerda. Já no lado direito, o braço é curto e está abaixado, parecendo estático, aparentando ser pouco operacional, e a perna é bem menor do que a esquerda. A diferença no tamanho das pernas denuncia uma disfuncionalidade; parecem estar descompensadas, não oferecendo uma base que sustente e dê equilíbrio, como se o desenho indicasse mais uma hemiplegia que paraplegia. É interessante notar que do lado direito do desenho há duas bolas que lembram uma cadeira de rodas, sugerindo que esta oferece sustentação para o lado que parece menos funcional. Uma hipótese seria que a cadeira de rodas cumpre um papel similar a de uma prótese para a imagem corporal, ou seja, cumpriria o papel do membro disfuncional, as pernas, devolvendo a funcionalidade para a parte inferior do corpo e colaborando para a existência de um corpo em ação.

A história contada sobre o personagem Nicolas, assim como o desenho, também transmite uma situação interativa – *“é pai de uma criança e ele foi buscar o filho para levá-lo para brincar em um campo de futebol. O Nicolas tinha um jogo para participar e sempre levava o filho dele para jogar bola junto com ele”* – indicando um

sujeito com possibilidades de ação e capaz de interagir, mostrando uma imagem corporal inconsciente preservada.

Por outro lado, o desejo – *“Fazer a vontade de Deus e agradar a Deus”* – e a ação – *“ajudar as pessoas que estão com dificuldade, dando o exemplo de vida pregando a palavra de Deus”* – do personagem, fazem pensar se encara o acontecimento que o levou à paraplegia como um castigo ou provação e tem que agradecer a Deus e fazer a sua vontade para este ser bom com ele. A ação de dar *“exemplo de vida pregando a palavra de Deus”* passa a idéia de que, pregando a palavra de Deus, ele vai conseguir ser bom, não cometer erros para dar o exemplo, diferentemente da ação dele durante o assalto que *“deu errado”* e acabou sendo baleado. Talvez, por pensar no acontecimento como um castigo e de tentar “ser bom”, o sujeito encontrou dificuldade para contar uma história, já que seus desejos podem estar inibidos.

7- Biel, 29 anos

OBSERVAÇÕES

O entrevistado faz faculdade de administração e tem o movimento da mão esquerda prejudicado, por ser tetraplégico.

Relata que Gabriel, nome dado ao personagem, é o nome de seu sobrinho.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Foi dia vinte e três de fevereiro de 2004; dei um mergulho em uma piscina rasa e fracturei a C5, C6 e C7.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

É o Biel, um menino levado que gosta de jogar bola e videogames com os amigos do tio. É um menino amoroso e muito alegre, um menino de ouro.

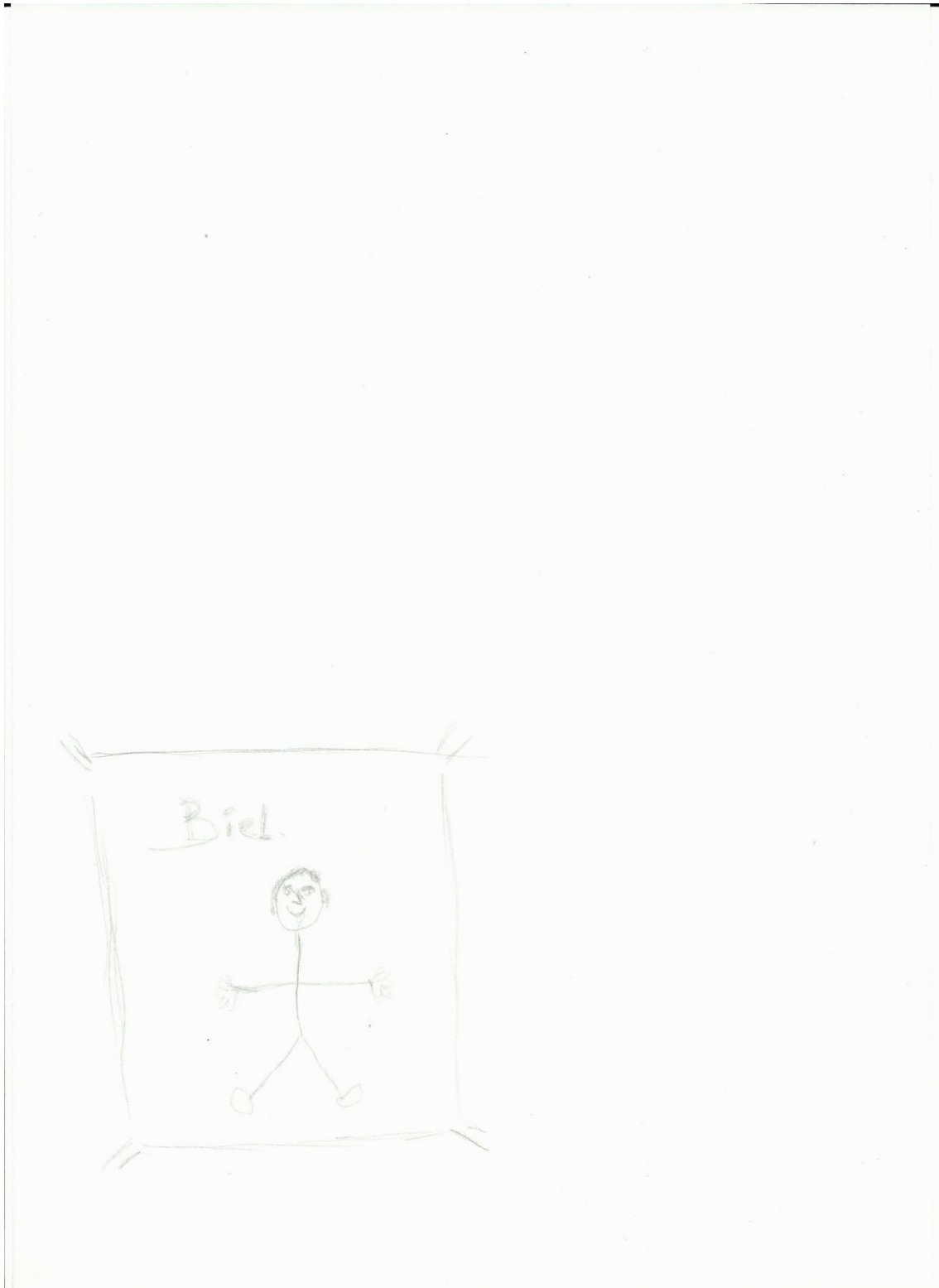
Quais seriam os desejos deste personagem?

Ser jogador de futebol, ser goleiro e ter bastante saúde, porque o resto ele consegue.

Descreva uma ação deste personagem.

Vou falar uma arte que ele fez, quebrando o copo de vidro que o tio pediu tanto para ele não pegar, mas ele pega, às vezes de propósito, às vezes não.

DESENHO



ANÁLISE

O desenho é de um menino, assim como o é a história contada. Parece haver uma identificação do entrevistado com seu sobrinho que, assim como o personagem criado, se chama Gabriel, e também com o momento anterior ao acidente, representado pelo desenho emoldurado, que evoca um momento anterior, uma lembrança. A moldura também poderia ser pensada como uma proteção externa para dar limites ao corpo e situá-lo no mundo, como a cadeira de rodas.

O personagem brinca com os amigos do tio, que não se inclui nas brincadeiras; pensando na declaração do entrevistado de que Gabriel é o nome de seu sobrinho, não se incluiria da brincadeira em decorrência da limitação de seu esquema corporal? Ele não consegue atribuir a ele diretamente uma ação, mas consegue por meio do personagem: *“quebrando o copo de vidro que o tio pediu tanto para ele não pegar”*; por meio da identificação com o sobrinho mostra ter desejo: *“ser jogador de futebol, ser goleiro e ter bastante saúde”*. Identificar-se com o sobrinho também poderia ser um modo de identificar-se com um momento anterior ao acidente, sugerindo que a ação e desejo descritos estariam se referindo a um momento anterior à deficiência.

O corpo desenhado é um corpo palito, bidimensional, representado por um eixo reduzido ao mínimo, mostrando certa limitação, sugerindo uma imagem corporal inconsciente com limitação. No entanto, as extremidades – mãos, pés e cabeça – têm volume e ganham destaque, parecendo passíveis de estabelecerem contato. O desenho de braços abertos e o rosto sugerem uma receptividade, como se o personagem estivesse pronto para dar um abraço.

10-Marciel, 24 anos**OBSERVAÇÕES**

Contatei o entrevistado em uma fila de cadastramento para cursos preparatórios de inserção no mercado de trabalho. Suas respostas foram curtas e diretas, parecendo não querer falar de sua deficiência.

Ao relatar como ocorreu sua deficiência, o entrevistado contou rapidamente o corrido; percebi um incômodo para falar sobre o episódio. Ele tem o corpo magro e curvado, é pouco comunicativo e fala olhando para baixo.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Em 1998 cai da [Ilha Porchat](#) de bicicleta, mas foi um erro médico.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

Marciel, ele sofreu uma lesão, um TCE (traumatismo cranioencefálico), um trauma no crânio e ficou com sequela na perna esquerda.

Quais seriam os desejos deste personagem?

Ser lutador, guerreiro, conquistador e vitorioso.

Descreva uma ação deste personagem.

Ele é compositor e está fazendo uma música de rap, está pensando para fazer a letra do rap.

DESENHO



ANÁLISE

O entrevistado atribui à culpa de sua deficiência física ao médico, se eximindo da responsabilidade de ter ficado com o esquema corporal limitado: ele fez algo, caiu de bicicleta, mas isso não teria sido a razão. Mostrou-se lacônico, dando respostas rápidas; esta característica também aparece no desenho, pois a boca e os olhos fechados mostram um contato restrito com o ambiente.

Apesar do desenho ser de um corpo inteiro, este não parece ser funcional, tendo os braços fortes mas curtos, uma diferença de espessura nas pernas e o corpo fino. O corpo, com pernas com diferentes tamanhos aparentando não oferecer uma base, sendo a esquerda a mais fina, dá a impressão de que este corpo não está em pé, mas sim apoiado, deitado; além disso, por o corpo ser fino comparado com a espessura do braço, parece ter sofrido uma regressão, um corpo desenvolvido que diminuiu, perdendo parte de sua funcionalidade, apresentando uma imagem corporal inconsciente limitada. A imagem corporal inconsciente limitada também pode ser observada na ação descrita, pensar: “*está pensando para fazer a letra do rap*”, além de parecer não ter recursos para realizar o desejo: “*ser lutador, guerreiro, conquistador e vitorioso*”. Sendo assim, será que não assumir sua responsabilidade no acontecimento trágico o manteria sem recursos por não ter ainda aceitado sua condição atual? Será que ainda estaria “deitado” à espera de cuidados?

11-Um deficiente, 29 anos

OBSERVAÇÕES

Contatei o entrevistado em uma fila de cadastramento para cursos de informática para inserção no mercado de trabalho. Ele tem uma aparência frágil: usa óculos, é estrábico, pálido e franzino. Ao contar uma história para o personagem, o entrevistado se emocionou, e falou pausadamente.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

Tive paralisia cerebral no trabalho de parto.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

Ele é um deficiente tentando arrumar o primeiro emprego, mas ninguém dá oportunidade para ele devido sua idade, e, por nunca ter trabalhado antes, discriminam ele; e por isso, ele se sente mal porque todos merecem uma chance sendo deficiente ou não. E também, este personagem, como qualquer um, quer sobressair na vida, basta dar uma chance para ele.

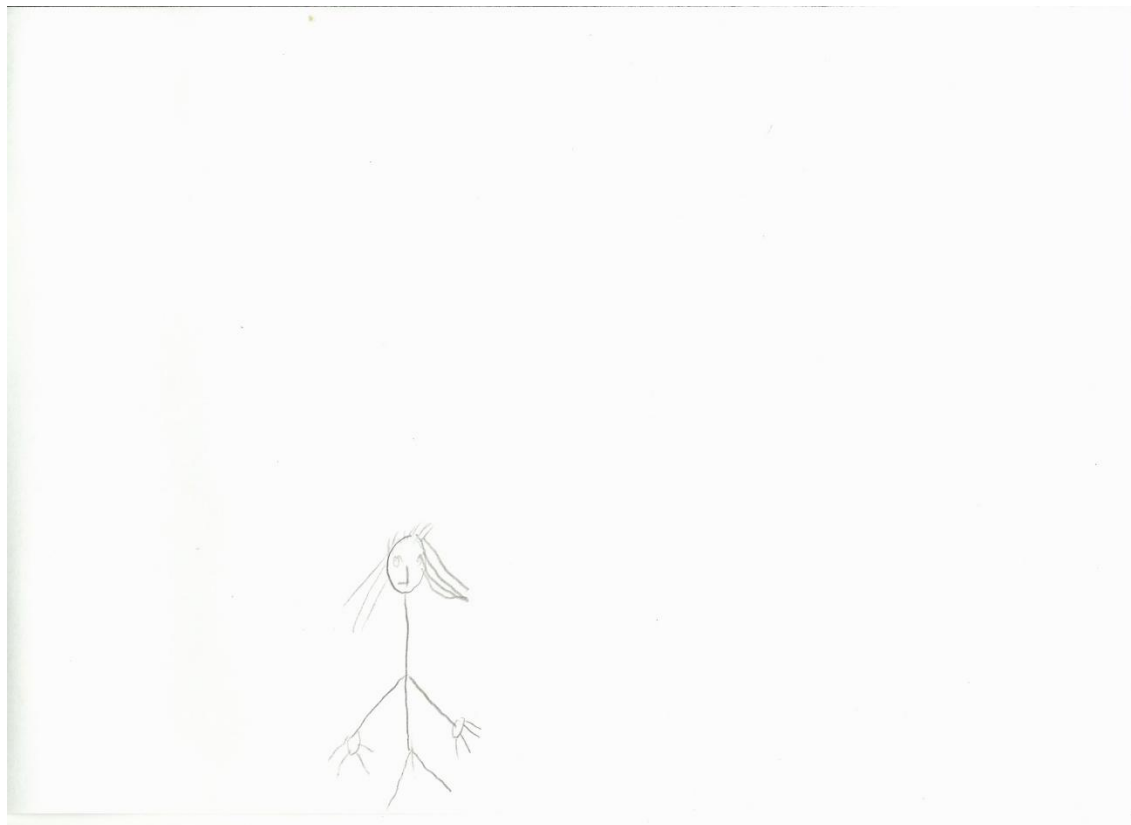
Quais seriam os desejos deste personagem?

Se ele não trabalhar não pode fazer outras coisas, como formar uma família.

Descreva uma ação deste personagem.

Procurando um emprego, que é o fundamental para provar para a sociedade que ele é capaz.

DESENHO



ANÁLISE

A história contada relata a situação vivida pelo entrevistado no momento, procurando oportunidade de emprego; ele acabou se emocionando ao falar. O personagem está em busca do primeiro emprego; mais do que isso, ele busca oportunidade de ser reconhecido: *“ninguém dá oportunidade para ele devido sua idade, e por nunca ter trabalhado antes discriminam ele; e por isso, ele se sente mal porque todos merecem uma chance, sendo deficiente ou não”*. O entrevistado parece ter uma atitude reivindicativa de um olhar que não seja de descrença e incapacidade.

Sendo assim, e tendo em vista a figura frágil do entrevistado, característica presente no desenho pelo olhar e o corpo esquemático, pode-se pensar que houve falta de alguém que visse nele a possibilidade de realização de “um sonho”. É interessante o fato de o entrevistado não ter conseguido falar um desejo, como se não pudesse ter desejo se ele não trabalhasse, ou seja, enquanto não recebesse um olhar de confiança, e que enxergasse nele uma potência de ação. Estes aspectos sugerem uma imagem corporal inconsciente comprometida.

A representação de um corpo bidimensional, corpo palito, com pescoço maior que o tronco, sugere um corpo frágil, com dificuldade de ação. Além disso, o personagem não tem uma aparência de gênero bem definida, pois há um risco entre as pernas, sugerindo um pênis, mas tem cabelos compridos; além disso, o personagem não recebeu um nome que poderia indicar o sexo do personagem.

4– Um homem que trabalha numa estrada, 22 anos

OBSERVAÇÃO

O entrevistado é tímido e não parecia ter deficiência. Pela postura ereta que estava sentado na cadeira de rodas e o modo de se comunicar, movendo os braços e o tronco ao falar, fez com que parecesse uma pessoa sentada em uma cadeira comum.

ENTREVISTA

Como e quando se deu sua deficiência física?

É de nascença, tive paralisia cerebral.

Imagine que esta pessoa que desenhou seja um personagem, dê um nome para ele e conte um pouco de sua história.

É um homem que trabalha numa estrada. Ele está construindo uma estrada em São Paulo, a Régis Bittencourt, que vai de São Paulo ao Paraná.

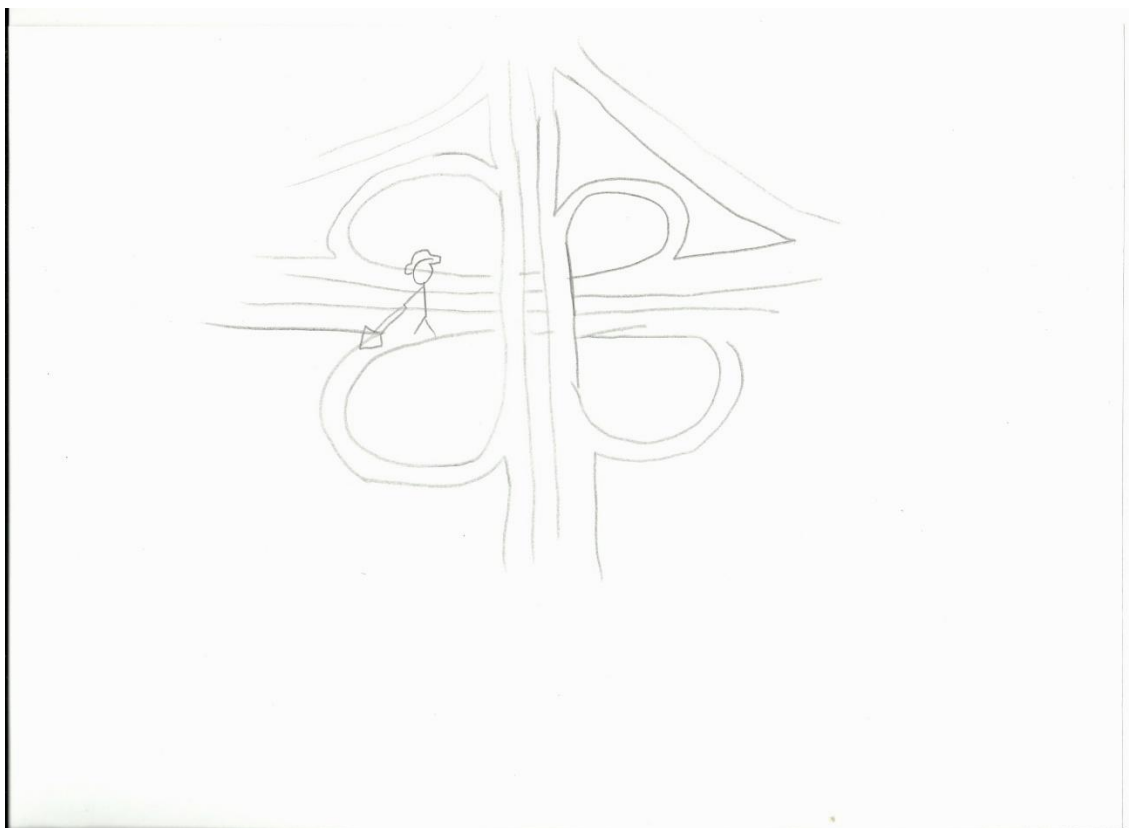
Quais seriam os desejos deste personagem?

Ser um engenheiro.

Descreva uma ação deste personagem.

Dirigindo um trator de amassar asfalto.

DESENHO



ANÁLISE

O corpo desenhado é esquemático, bidimensional, enquanto que a obra – *“uma estrada em São Paulo, a Régis Bittencourt, que vai de São Paulo ao Paraná”* – é elaborada e tridimensional. Este corpo elementar e pequeno, comparando com a obra desenhada, parece mais um detalhe desta, sugerindo que, mesmo com o esquema corporal limitado, o sujeito é capaz de fazer coisas grandiosas, coisas que parecem ultrapassar suas limitações. Usa instrumentos para isso, como chapéu e pá, que, diferentemente do corpo, têm volume, e também um trator, que remete à idéia de força e poder – *“trator de amassar asfalto”* –, ou seja, o entrevistado parece perceber-se dispoindo de instrumentos que compensem sua deficiência.

O desejo de ser engenheiro vai ao encontro com a ação descrita de construir uma estrada, mostrando capacidade de desejar e de ação, o que sugere uma imagem corporal inconsciente funcional, indicando que o sujeito é capaz de fazer muitas coisas apesar de sua condição física, talvez em decorrência da aceitação de sua deficiência.

4.2.1 Análise do grupo B

É interessante notar que nos desenhos da figura humana deste grupo aparecem com mais frequência o corpo inteiro. No entanto, apesar de os corpos estarem representados, parecem disfuncionais, apresentando características como: aparência de boneco, braços curtos, pernas que parecem não sustentar o corpo, e corpo fino. Além disso, parte dos desenhos é bidimensional – *“corpo palito”* –, um corpo esquemático, sem profundidade, reduzido ao mínimo.

Considerando a ideia de Safra (2005) de que a tridimensionalidade poderá surgir no horizonte psíquico quando a criança tomar posse de um corpo que foi significado pela presença do outro, representar um corpo bidimensional sugere dificuldades nas relações afetivas iniciais. Estas dificuldades nas relações iniciais podem ocorrer quando a criança é deficiente, pois pode ser difícil para os pais lidarem com a deficiência do filho, no sentido de projetar nele seus sonhos, suas possibilidades, uma vez que não corresponderia ao seu ideal narcísico. No entanto, a média de idade em que ocorreu a deficiência de ambos os grupos foi de, aproximadamente, 16 anos, idade em que tal relação inicial já teria ocorrido. Então, ou as relações primitivas deste grupo não foram capacitantes, mesmo sem deficiência nesta época, e as relações atuais continuam a não confirmarem suas possibilidades, ou as relações contemporâneas não têm um olhar de crença em suas possibilidades. De fato, neste grupo, o rosto pouco expressivo, com olhos e bocas simplificados, fechados, sugere pouca interação do sujeito com o ambiente.

Considerando que foi observada em metade dos entrevistados uma dificuldade de descrever uma história para o personagem ou de atribuir-lhe um desejo, e a ideia que a imagem corporal pode ser considerada como “encarnação simbólica do corpo desejante” (Dolto, 2008, p.14), concluímos que parte dos participantes do grupo parece apresentar uma imagem corporal inconsciente comprometida. Segundo Dolto (2008), o comprometimento do esquema corporal pode afetar a imagem corporal inconsciente se a relação com a mãe e o ambiente humano não tiver permanecido flexível de forma a permitir que o sujeito possa, pela linguagem, expressar seus desejos, realizáveis ou não pelo seu esquema corporal comprometido.

Para Safra (2005) inicialmente na vida há uma organização de *self* decorrente dos registros estético-sensoriais, organizados em forma de som, calor, tato, etc, que se estabelecem no encontro entre o corpo da mãe e o do bebê. Estas sensações capacitam a criança a ter um corpo humano e algumas regiões corporais podem ser vividas com estranhamento se ainda se encontrarem em estado de coisa, pois a criança só sente a região de seu corpo viva se foi transfigurada pela presença do outro. Por outro lado, o autor relata que ações do próprio sujeito podem ajudar a recolocar seu corpo no mundo. Deveríamos, assim, atribuir às relações passadas e presentes dos entrevistados – mais do que à sua deficiência física – estes supostos limites em sua imagem corporal?

4.3 Comparação entre os grupos A e B

Notou-se uma diferença marcante na característica dos desenhos entre os dois grupos; no grupo A, há ausência do corpo nos desenhos, mas parecem tridimensionais, enquanto que no grupo B o corpo está representado, mas parece ser disfuncional, e em alguns desenhos, bidimensional, sugerindo uma diferença das relações passadas e presentes vividas pelos participantes dos dois grupos. No grupo que pratica esporte as relações parecem ter tido um olhar mais capacitante, sendo o esporte uma possível relação atual que potencializa o sujeito. Assim, as relações vividas pelos sujeitos do grupo que pratica esporte, parecem ter sido favoráveis para sustentarem desejos não restritos aos limites do esquema corporal, uma vez que, segundo Safra (2005), ocupar um lugar no mundo é ocupar um lugar na vida do outro e a partir disso, o olhar do sujeito poderá voltar-se para o mundo com curiosidade e desejo.

Considerando a hipótese da diferença das relações passadas e presentes vividas pelos dois grupos e a ideia de Dolto (2008) de que golpes orgânicos podem provocar perturbações do esquema corporal, por falta ou interrupção das relações 'linguageiras', mas ser frequente o esquema corporal limitado e uma imagem corporal preservada se, na relação com outro, o sujeito puder expressar seus desejos realizáveis ou não por seu esquema corporal, observamos que há uma diferença na imagem corporal inconsciente entre os dois grupos, aparecendo mais preservadas nos participantes que praticam esporte e com certa limitação nos participantes que não praticam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou investigar a imagem inconsciente corporal em deficientes físicos que praticam esporte, uma vez que segundo Dolto (2008), limitação orgânica pode não afetar a imagem do corpo se o sujeito puder, pela linguagem, expressar e fantasmear seus desejos, sejam eles realizáveis ou não em decorrência do esquema corporal limitado. Desta forma, a autora aponta para uma plasticidade da imagem corporal que pode ser afetada por relações afetivas iniciais e relações contemporâneas vividas pelo sujeito.

Considerando que a imagem corporal inconsciente é a memória do vivido relacional e também é atual (Dolto, 2008), podemos pensar o envolvimento com o esporte pelo sujeito por duas vertentes: favorecido por ter tido uma relação afetiva familiar que permitisse o sujeito desejar sem ficar restrito ao esquema corporal limitado, contribuindo para o sujeito praticar esporte; e que o esporte também

funcionaria como objeto de uma relação capacitante com o sujeito contribuindo para uma imagem corporal inconsciente menos limitada.

A abertura para a experiência do basquete teria sido favorecida pela experiência de castração simbolizadora, que corresponderia à aceitação da deficiência sem que esta representasse incapacidade. Assim, observando a ausência do corpo completo nos desenhos do grupo que pratica esporte, supomos que a solução encontrada pelos entrevistados deste grupo foi potencializar a parte do corpo não afetada pela deficiência, uma função compensatória em que a parte representaria o todo, como a sinédoque na linguagem.

A imagem inconsciente do corpo se mostrar preservada mesmo diante de prejuízo do esquema corporal nos entrevistados que praticam esporte abre perspectiva de trabalhos que favoreçam a inclusão social, intervenções terapêuticas e ações de promoção de saúde por meio do incentivo à prática do esporte por sujeitos com esquema corporal limitado, uma vez que foi notado que o esporte parece ser um meio de recolocar o sujeito no mundo, de ajudar na superação de problemas, de aumentar a autonomia, ser um instrumento de reabilitação, além de ampliar o círculo de relações de seus participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZETO. S.J. *A construção do inconsciente em práticas clínicas na França do Século XIX*. São Paulo: Escuta, 2001.
- COSTA. J.F. O uso perverso da imagem corporal. *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – Os Sentidos do Corpo*, N. 17, Ano 26. p. 91-108, 2004.
- DOLTO. F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FARTHING. S. *Tudo sobre arte: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*. Sextante, 2010.
- FERREIRA. A. B. H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.
- LABRONICI. R. H. D.D et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. *Arquivos de neuro psiquiatria*. v. 58, n. 4, p. 092-1099, 2000.
- NOGUEIRA-MARTINS M. F. BÓGUS C.M. *Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde*. Saúde e Sociedade; 13(3), p.44-57, 2004.
- SAFRA. G. *A face estética do self*. São Paulo: Unimarcos, 2005.
- SCHILDER. P. (1950). *A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SILVA. S. G. *Imagens do corpo e imagens do eu: Ramachandran, Sacks e Damásio*. 2007. 121 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- TAMES. R. *A vida e a obra de Auguste Rodin*. Madras, 2005.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

12- Título da pesquisa: Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte

13- Pesquisador responsável: Sidnei José Casetto

14- Cargo/função: docente do Departamento de Ciências da Saúde

Esclarecimentos ao sujeito da pesquisa

Este estudo visa investigar se sujeitos com esquema corporal limitado por uma deficiência física em membros inferiores, que praticam basquete como esporte, em um time situado na cidade de Santos, apresentam uma imagem corporal inconsciente sem as mesmas limitações.

Para isto iremos realizar entrevistas semi- estruturadas e um desenho da figura humana. Sua participação é voluntária e você não é obrigado(a) a participar deste estudo, tendo o direito de sair da pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhe cause qualquer prejuízo. Você poderá fazer qualquer pergunta de esclarecimento acerca do estudo e da sua participação nele e, se tiver alguma dúvida, a mesma será esclarecida no decorrer do trabalho.

Seu anonimato será preservado e nem seu nome ou qualquer outro dado que o (a) identifique será revelado, nem mesmo na fase de conclusão e divulgação deste estudo. Todos os dados do estudo serão guardados em local seguro. Este estudo não oferece risco, uma vez que os procedimentos utilizados não ultrapassam os limites estabelecidos pelo participante para a expressão de aspectos subjetivos.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a Prof. Dr. Sidnei José Casetto que pode ser encontrado no endereço: Av. Alm. Saldanha da Gama, 89 Ponta da Praia - Santos/SP - CEP: 11030-400 Tel: (13) 3261-3324 / (13) 8113-0576. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br.

Acrescentamos que, após a conclusão da pesquisa, comprometemo-nos a divulgar os resultados, assim como apresentá-los em seminários, congressos e eventos afins e reafirmamos que o seu anonimato será preservado e nem seu nome ou qualquer outro dado que o identifique será revelado.

Informamos que não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Consentimento livre e esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Imagem corporal em deficientes físicos que praticam esporte”. Eu discuti com o Prof. Dr. Sidnei José Casetto sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades e prejuízo.

Assinatura do Voluntário/ representante legal

Data: __/__/__.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo

Data: __/__/__.